

Terezinha Colle

Reuniões
espíritas
familiares

REUNIÕES ESPÍRITAS FAMILIARES

Terezinha Colle
2015

Reuniões Espíritas Familiares

Autoria: Terezinha Colle

Revisão: Silvio Seno Chibeni

Capa e Diagramação: Anderson Spinelli

INSTITUTO DE PESQUISAS ESPÍRITAS ALLAN KARDEC

www.ipeak.com.br

GRUPO DE ESTUDOS ESPÍRITAS ALLAN KARDEC

www.geak.com.br

Se houver, por parte de alguma editora, o interesse em publicar uma edição impressa, que entre em contato conosco pelo e-mail: ttcolle@potencial.net

Reuniões Espíritas Familiares

O Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal. (Allan Kardec, O que é o Espiritismo, Preâmbulo.)

Este opúsculo foi escrito com o único objetivo de oferecer aos que se interessam pelo Espiritismo prático, uma singela contribuição do nosso grupo espírita, narrando os benefícios que temos experimentado com a prática da Ciência Espírita, utilizando-nos do método sugerido e incentivado por Allan Kardec.

Agradecimento

Agradecemos especialmente ao estimado amigo Silvio Seno Chibeni, pela revisão formal do texto e também pelas sugestões dadas sobre o conteúdo relativo à Doutrina Espírita, da qual é profundo conhecedor.

Curitiba, janeiro de 2015.

Sumário

1. Reuniões espíritas familiares	6
2. Nossos primeiros passos	11
3. Por que um grupo familiar?	12
4. As vozes do céu - necessitamos delas e as desejamos	13
5. As reuniões familiares e suas consequências morais	16
6. As reuniões espíritas são também úteis para instrução dos próprios Espíritos.	25
7. “Os espíritas de hoje são estranhos, não evocam seus familiares.”	27
8. Benefícios do Espiritismo prático: Um caso de loucura obsessional.	27
9. Escolha de provas com vistas a superar o orgulho e o egoísmo	30
10. As vantagens da evocação dos Anjos na educação dos filhos	32
11. Uma mãe, agora arrependida, vem trazer conselhos aos familiares que ainda estão encarnados	34
12. As conversas familiares de além-túmulo fortalecem a fé e nos iniciam na vida futura	34
13. Expições terrenas	37
14. O menino Gabriel Delanne	40
15. O jovem instruído na Ciência Espírita	44
16. Um erro muito comum nos grupos iniciantes é esperar comunicações espontâneas	45
17. A evocação auxilia no desprendimento dos Espíritos e abrevia a perturbação que se segue à morte	49
18. Os benefícios das evocações para auxiliar o próximo que sofre	49
19. O grupo curador de Marmande: O Sr. Dombre	54
20. Cura de uma obsessão	55
21. Instruções que recebemos dos Anjos guardiões e demais Guias	59
22. Sessão comemorativa dos mortos	68
23. Sobre os Espíritos sofredores que vêm pedir socorro	72
24. O Medo: um dos piores inimigos que precisamos vencer	74
25. E quanto aos perigos de se evocar Espíritos inferiores?	76

26. O que fazer para obter a assistência dos bons Espíritos?	77
27. É de toda necessidade a análise das comunicações dos Espíritos	78
28. Alguns cuidados importantes para a formação dos grupos	79
29. Considerações finais	83



1. Reuniões espíritas familiares

“Pedir o homem conselhos aos Espíritos não é entrar em entendimento com potências sobrenaturais; é tratar com seus iguais, com aqueles mesmos a quem ele se dirigiria neste mundo; a seus parentes, seus amigos, ou a indivíduos mais esclarecidos do que ele. Disto é que importa se convençam todos e é o que ignoram os que, não tendo estudado o Espiritismo, fazem ideia completamente falsa da natureza do mundo dos Espíritos e das relações com o além-túmulo.” Allan Kardec¹

Após termos estudado o *Livro dos Espíritos*, o *Livro dos Médiuns*, e termos nos instruído com os diálogos com os Espíritos que Kardec publicou na Revista Espírita, há cerca de sete anos começamos a evocar os Espíritos nas reuniões do GEAK e também em nosso grupo familiar. Os benefícios obtidos na interação com os Espíritos chamou a atenção de alguns amigos, com os quais conversávamos a esse respeito. Entre esses amigos alguns são espíritas, outros não, mas todos mostravam-se desejosos de conhecer melhor o que poderíamos chamar de “Reuniões espíritas familiares.”

Com intuito de compartilhar nossas experiências em Espiritismo prático, e com esperança de que outros grupos possam nos auxiliar nas análises do que temos observado, ou ainda, que se interessem em criar seus próprios grupos familiares, vamos narrar algumas passagens das nossas atividades neste singelo opúsculo que ora apresentamos ao público. Aproveitaremos também para transcrever trechos das obras de Allan Kardec, muito apropriados para os diversos assuntos de que trataremos, e

¹ *A Gênese* - A Gênese - Capítulo I - Caráter da revelação espírita, item 60.

que constituem, em nossa opinião, a melhor referência que podemos ter em questões teóricas e práticas do Espiritismo. Tais trechos ocuparão boa parte de nosso opúsculo, mas dado que em geral são pouco lidos, e, menos ainda, meditados pelos espíritas, vale a pena examiná-los em detalhe aqui.

Nossas reuniões, como dissemos, foram especialmente motivadas e inspiradas por alguns textos publicados na Revista Espírita. Um desses textos está no mês de setembro de 1859, intitulado “O lar de uma família espírita”, que aqui reproduzimos:

O LAR DE UMA FAMÍLIA ESPÍRITA

“Há três anos a Sra. G... ficou viúva, com quatro crianças. O filho mais velho é um rapaz amável, de dezessete anos, e a filha mais moça uma encantadora menina de seis. Desde muito tempo essa família se dedica ao Espiritismo e, antes mesmo que esta crença se tivesse tornado tão popular como hoje, marido e mulher tinham uma espécie de intuição que diversas circunstâncias haviam desenvolvido. O pai do Sr. G... havia aparecido para ele várias vezes, na mocidade, sempre para preveni-lo de coisas importantes ou para lhe dar conselhos úteis. Fatos semelhantes também se haviam passado entre os seus amigos, de sorte que para eles a existência de além-túmulo não era objeto da menor dúvida, assim como não o era a possibilidade de nos comunicarmos com nossos entes queridos.

Quando o Espiritismo surgiu, foi apenas a confirmação de uma ideia bem assentada e santificada pelo sentimento de uma religião esclarecida, pois aquela família é um modelo de piedade e de caridade evangélica. Na nova ciência aprenderam os meios mais diretos de comunicação. A mãe e um dos filhos tornaram-se excelentes médiuns. Mas, longe de empregar essa faculdade em questões fúteis, todos consideravam-na precioso dom da Providência, do qual não era permitido servir-se senão para coisas sérias. Assim, jamais a praticavam sem recolhimento e respeito, e longe das vistas dos importunos e curiosos.

Nesse meio tempo o pai adoeceu. Pressentindo seu fim próximo, reuniu os filhos e lhes disse: “Meus caros filhos e minha amada mulher, Deus me

chama para Ele. Sinto que vou deixar-vos daqui a pouco, mas também sinto que por vossa fé na imortalidade encontrareis força para suportar esta separação com coragem, assim como eu levo o consolo de que poderei sempre estar entre vós e vos ajudar com os meus conselhos. Assim, chama-me quando eu não estiver mais na Terra. Virei sentar-me ao vosso lado e conversar convosco, como o fazem os nossos antepassados. Na verdade, estaremos menos separados do que se eu partisse para uma terra distante.

Minha cara esposa, deixo-te uma grande tarefa, mas quanto mais pesada for, mais gloriosa será. Tenho certeza de que os nossos filhos te ajudarão a suportá-la. Não é, meus filhos? Auxiliareis a vossa mãe; evitareis tudo quanto possa fazê-la sofrer; sereis sempre bons e benevolentes para com todos; estendereis a mão aos vossos irmãos infelizes, porque não haveis de querer estendê-la um dia pedindo em vão para vós. Que a paz, a concórdia e a união reinem entre vós. Que jamais o interesse vos separe, porque o interesse material é a maior barreira entre a Terra e o Céu. Pensai que estarei sempre junto a vós; que vos verei como vos vejo neste momento, e ainda melhor, pois verei o vosso pensamento. Não queirais, assim, entristecer-me depois da morte, do mesmo modo que não o fizestes durante a minha vida”.

É um espetáculo realmente edificante a vida dessa piedosa família. Alimentadas nas ideias espíritas, essas crianças não se consideram separadas do pai. Para elas, ele está presente. Temem praticar a menor ação que possa desagradá-lo. Uma noite por semana, e às vezes mais, é consagrada a conversar com ele. Existem, porém, as necessidades da vida, que devem ser providas, pois a família não é rica. É por isso que um dia certo é marcado para essas conversas piedosas e sempre esperadas com impaciência. Muitas vezes pergunta a pequenina: “É hoje que papai vem?” Esse dia transcorre entre conversas familiares e instruções proporcionadas à inteligência, algumas vezes infantis, outras vezes graves e sublimes. São conselhos dados a propósito de pequenas travessuras que ele assinala. Se faz elogios, também não poupa críticas, e o culpado baixa os olhos, como se o pai estivesse diante dele; pede-lhe perdão, que por vezes só é concedido depois de algumas semanas de prova. Sua sentença é esperada

com febril ansiedade. Então, que alegria, quando o pai diz: “Estou contente contigo!” Entretanto, a mais terrível sentença é: “Não virei na próxima semana.”

A festa anual não é esquecida. É sempre um dia solene, para o qual convidam os avós e demais mortos da família, sem esquecer um irmãozinho, falecido há alguns anos. Os retratos são enfeitados de flores e cada criança prepara um pequeno trabalho, por vezes apenas uma saudação tradicional. O mais velho faz uma dissertação sobre assunto grave; uma das meninas toca um trecho de música; a menor conta uma fábula. É o dia das grandes comunicações, e cada convidado recebe uma lembrança dos amigos que deixou na Terra.

Como são belas essas reuniões, na sua tocante simplicidade! Como tudo, ali, fala ao coração! Como é possível sair delas sem estar impregnado do amor ao bem? Nenhum olhar de mofa, nenhum sorriso cético vem perturbar o piedoso recolhimento. Alguns amigos que partilham das mesmas convicções e que são devotos da religião da família, são os únicos admitidos a participar desse banquete do sentimento.

Ride quanto quiserdes, vós que zombais das coisas mais santas. Por mais soberbos e endurecidos que sejais, não vos faço a injúria de acreditar que o vosso orgulho possa ficar impassível e frio ante tal espetáculo.

Um dia, entretanto, foi de luto para a família, dia de verdadeiro pesar: o pai havia anunciado que durante algum tempo, longo tempo mesmo, não poderia vir. Ele havia sido chamado para uma importante missão longe da Terra. A festa anual não deixou de ser celebrada, mas foi triste, pois o pai lá não estava. Ao partir, ele havia dito: “Meus filhos, que ao meu retorno eu vos encontre todos dignos de mim”, e cada um se esforça por tornar-se digno dele. Eles ainda estão esperando.”

Allan Kardec.

Eis alguns destaques que fizemos desse texto:

- A família estava acostumada a dialogar com os Espíritos, de modo natural e simples, mesmo antes de surgir o Espiritismo.
- Eles não abandonaram sua religião, mas aproveitaram os ensinamentos trazidos pela nova ciência para desenvolver a mediunidade e aperfeiçoar a comunicação com os Espíritos;
- As reuniões espíritas eram feitas na intimidade do lar, com a participação das crianças, que interagiam de maneira natural com o Espírito do pai, uma ou mais vezes por semana;
- Apenas alguns amigos, que partilhavam das mesmas convicções da família, e eram devotos da mesma religião, participavam daquele “banquete do sentimento.”
- A reunião era agradável para as crianças, que aguardavam ansiosas pelo dia em que o pai viria;
- Comemorava-se anualmente o Dia dos Mortos, para cuja festa eram convidados todos os mortos da família, inclusive um irmãozinho falecido há alguns anos;

Observa Kardec:

Como são belas essas reuniões, na sua tocante simplicidade! Como tudo ali fala ao coração! Como é possível sair delas sem estar impregnado do amor ao bem?

Ao lermos atentamente a experiência de uma mãe que fica viúva, com quatro filhos para educar, e que pede ao Espírito do marido morto para ajudá-la nessa tarefa, não tivemos dúvidas de que em nossos familiares mortos, em nossos Anjos guardiães e outros Espíritos amigos, iríamos também encontrar grande apoio e nos permitir boas instruções.

Inspirou-nos também, e sobremaneira, o suave convite do Espírito de Verdade, ao dizer que o Pai quer que nos ajudemos mutuamente, mortos e

vivos, na seguinte passagem: “Meu Pai não quer aniquilar a raça humana; quer que, ajudando-vos uns aos outros, mortos e vivos, isto é, mortos segundo a carne, porquanto não existe a morte, vos socorrais mutuamente, e que se faça ouvir não mais a voz dos profetas e dos apóstolos, mas a dos que já não estão mais no corpo, a clamar: Orai e crede! pois a morte é a ressurreição, e a vida a prova escolhida, durante a qual as virtudes que houverdes cultivado crescerão e se desenvolverão como o cedro.”²

2. Nossos primeiros passos

No início não sabíamos se havia médiuns em nossa família, mas seguimos as orientações dadas pela Ciência Espírita em o “Livro dos Médiuns ou guia dos médiuns e dos evocadores”, no capítulo XVII – Da formação dos médiuns, itens 200 a 218 – Desenvolvimento da mediunidade.

Com os exercícios propostos no item 200, descobrimos que um dos casais da nossa família, que é bastante numerosa, e suas duas filhas adolescentes são médiuns. O pai e a mãe são médiuns escreventes e falantes, as filhas médiuns escreventes.

Também descobrimos que outros membros da família, que moram em outros Estados, são médiuns. Então, em nossas reuniões familiares a participação dos Espíritos se tornava cada vez mais frequente. Embora não moremos todos na mesma cidade, as distâncias físicas não constituíram obstáculo para nos reunirmos com os parentes e amigos que vivem longe, pois foram transpostas pelos meios de comunicação de voz e imagem hoje disponíveis, como o Skype, o FaceTime, o Google+, etc. Sim, nós nos reunimos e alguns membros participam virtual e ativamente. Entendemos assim que, se a distância não é problema para os encarnados, com mais forte razão não poderia ser para os Espíritos.

² *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. VI - O Cristo consolador - Instruções dos Espíritos - Advento do Espírito de Verdade, item 5.

Escolhemos para ser o Guia espiritual do grupo familiar, o Espírito que já havia aceitado ser o Presidente Espiritual do GEAK – Grupo de Estudos Allan Kardec, do qual fazemos parte. Esse Espírito é Santo Agostinho, e o escolhemos porque o amamos e respeitamos, e porque participou ativamente na realização da Ciência Espírita e na sua propagação. Os Anjos guardiães de cada membro da família também são nossos Guias e é sob a assistência deles que sempre buscamos nos colocar.

3. Por que um grupo familiar?

Resposta simples e segura: Porque Kardec o aconselha!

Vejamos este trecho da *Revista Espírita*: “Há algum tempo as reuniões espíritas sofreram uma certa transformação. As reuniões íntimas e de família multiplicaram-se consideravelmente em Paris e nas principais cidades, em razão da própria facilidade que acharam em se formar, pelo aumento do número de médiuns e de adeptos. No princípio os médiuns eram raros; um bom médium era quase um fenômeno; era, pois, natural que se agrupassem em torno dele, mas à medida que essa faculdade se desenvolveu, os grandes centros se fracionaram, como enxames, numa porção de pequenos grupos particulares, que têm mais facilidade de se reunir, mais intimidade e mais homogeneidade em sua composição. E s t e resultado, consequência da própria força das coisas, estava previsto. Desde a origem assinalamos os escolhos que naturalmente deveriam encontrar as sociedades numerosas, necessariamente formadas de elementos heterogêneos, abrindo a porta às ambições e, por isto mesmo, expostas às intrigas, aos complôs, às manobras surdas da malevolência, da inveja e do ciúme, que não podem emanar de uma fonte espírita pura. Nas reuniões íntimas, sem caráter oficial, as pessoas são mais senhoras de si, conhecem-se melhor e recebem quem elas querem; ali o recolhimento é maior, e sabemos que os resultados são mais satisfatórios. Conhecemos bom número de reuniões deste gênero, cuja organização nada deixa a desejar. Há, pois, tudo a ganhar nessa transformação.” (*Revista Espírita*, janeiro de 1867 - Olhar retrospectivo sobre o movimento do Espiritismo.)

A nossa permanência, por mais de vinte anos, num Centro espírita de público numeroso nos mostrou que Allan Kardec tinha razão ao apontar, dois anos antes de sua morte, como se lê no trecho que acima reproduzimos, sobre as vantagens das “reuniões íntimas e de família”. Pudemos constatar, pela experiência anterior e a prática atual que, ao fazermos reuniões espíritas por assim dizer “sem os Espíritos”, perdemos valiosa oportunidade de instrução, de prestar um serviço útil sob a assistência dos bons Espíritos, de conhecer melhor o mundo que nos aguarda logo mais, e de continuar os laços afetivos com nossos parentes e amigos que partiram antes de nós.

4. As vozes do céu - necessitamos delas e as desejamos

Em nossos dias ainda pensa-se que apenas alguns médiuns têm o privilégio de se comunicar com os Espíritos, ou melhor, receber deles “mensagens”. Fala-se que somente se pode conversar com os Espíritos em determinados lugares, tidos por únicos a receber a “proteção do Alto”. Diz-se que as evocações, as instruções solicitadas aos Espíritos superiores “foram importantes no tempo de Kardec” para estruturação do Espiritismo, e que hoje em dia não se tem mais necessidade delas, ou até mesmo que seria perigoso alguém dedicar-se a tal prática.

Para ilustrar o que acabamos de dizer reproduzimos aqui pequenos trechos de orientações dadas por Espíritos, e que notoriamente são contraditórias com os ensinamentos de Kardec, mas tidas como verdadeiras por boa parte dos espíritas atuais:

“Coibir-se de evocar a presença de determinada entidade, no curso das sessões, aceitando, sem exigência, os ditames da Esfera Superior no que tange ao bem geral. (André Luiz, *Conduta Espírita*, cap. 11, “No templo”.)

“Abolir a prática da invocação nominal dessa ou daquela entidade, em razão dos inconvenientes e da desnecessidade de tal procedimento em

nossos dias, buscando identificar os benfeitores e amigos espirituais pelos objetivos que demonstrem e pelos bens que espalhem.” (André Luiz, *Conduta Espírita*, cap. 25, “Perante os mentores espirituais”.)

369 - É aconselhável a evocação direta de determinados Espíritos?

- “Não somos dos que aconselham a evocação direta e pessoal, em caso algum. Se essa evocação é passível de êxito, sua exequibilidade somente pode ser examinada no plano espiritual. Daí a necessidade de sermos espontâneos, porquanto, no complexo dos fenômenos espíritos, a solução de muitas incógnitas espera o avanço moral dos aprendizes sinceros da Doutrina. O estudioso bem-intencionado, portanto, deve pedir sem exigir, orar sem reclamar, observar sem pressa, considerando que a esfera espiritual lhe conhece os méritos e retribuirá os seus esforços de acordo com a necessidade de sua posição evolutiva e segundo o merecimento do seu coração.

Podereis objetar que Allan Kardec se interessou pela evocação direta, procedendo a realizações dessa natureza, mas precisamos ponderar, no seu esforço, a tarefa excepcional do Codificador, aliada a necessidade de méritos ainda distantes da esfera de atividade dos aprendizes comuns.” (Emmanuel, *O Consolador*, pergunta 369.)

Preferimos, no entanto, nos embasar, quanto a esses pontos, nas próprias instruções de nosso mestre Allan Kardec, espalhadas por diversos lugares de sua obra, inclusive em uma das mais folheadas pelos Espíritos dos nossos dias: “*O Evangelho segundo o Espiritismo*”. Vejamos o que escreveu Kardec:

“Esta obra é para uso de todos. Dela podem todos haurir os meios de conformar com a moral do Cristo o respectivo proceder. Aos espíritos oferece aplicações que lhes concernem de modo especial. *Graças às comunicações estabelecidas doravante e de maneira permanente entre os homens e o mundo invisível, a lei evangélica, ensinada a todas as nações pelos próprios Espíritos, não será mais letra morta, porque cada um a compreenderá, e será incessantemente solicitado a colocá-la em prática,*

*a conselho de seus guias espirituais. (Grifo nosso) As instruções dos Espíritos são verdadeiramente as vozes do céu que vêm esclarecer os homens e convidá-los à prática do Evangelho.”*³

Kardec deixa claro que as comunicações com os Guias espirituais, para fins de instrução, é para ser estabelecida *doravante e permanentemente*, e por todos aqueles que desejem viver de conformidade com a moral do Cristo e não se julguem autossuficientes para consegui-lo sem o auxílio dos bons Espíritos.

Ainda a esse respeito, encontramos as respostas dadas por Kardec ao interlocutor que ele denominou “O Visitante”, em seu opúsculo intitulado “O que é o Espiritismo?”

“*O Visitante* - Solicito-vos uma última questão. O Espiritismo tem poderosos inimigos; não poderiam eles fazer interditar seu exercício e as sociedades e, por esse meio deter sua propagação?

Allan Kardec - Seria um modo de perder a partida um pouco mais rápido, pois a violência é o argumento daqueles que não têm boas razões. Se o Espiritismo é uma quimera ele cairá por si mesmo, sem que para isso precise tanto esforço; se o perseguem é por que o temem, e só se teme o que é sério. Se é uma realidade, ele está, como eu disse, em a Natureza, e não se revoga uma lei natural com um traço de pena [caneta].

Se as manifestações espíritas fossem privilégio de um homem, não há dúvida que, colocando-se de lado esse homem, se poria um fim às manifestações; infelizmente para os adversários, *elas não são um mistério para ninguém; não contém nada de secreto, nada de oculto, tudo se passa às claras; elas estão à disposição de toda gente, e se produzem desde o palácio até a mansarda. Pode-se proibir seu exercício público, mas sabe-se precisamente que não é em público que elas melhor se produzem; é na intimidade; ora, podendo cada pessoa ser médium, quem*

³ *O Evangelho segundo o Espiritismo - Introdução - I - Objetivo desta obra.*

pode impedir uma família em seu lar, um indivíduo no silêncio do seu gabinete, o prisioneiro em seu cárcere, de obter comunicações com os Espíritos, mesmo nas barbas da polícia e sem que ela saiba? (Grifos nossos) Admitamos, entretanto, que um governo fosse forte bastante para impedi-las em seu território; impediria também nos territórios vizinhos, no mundo inteiro, pois não há país algum, nos dois hemisférios, onde não haja médiuns?

O Espiritismo, além disso, não tem sua fonte entre os homens; ele é obra dos Espíritos, que não podem ser queimados nem encarcerados. Ele consiste na crença individual, e não nas sociedades que absolutamente não são necessárias. Se se chegasse a destruir todos os livros espíritas, os Espíritos ditariam outros. (...) ⁴

5. As reuniões familiares e suas consequências morais

*Nós declaramos alto e bom som que em parte alguma vimos reuniões espíritas mais edificantes que as dos operários de Lyon, quanto à ordem, ao recolhimento e à atenção que prestam às instruções de seus guias espirituais. Allan Kardec.*⁵

Um artigo que também nos deu mais instruções sobre o formato de um grupo familiar, foi o que Kardec escreveu sobre o que observou num dos grupos que visitou em suas viagens pela França. Reproduzimos aqui as observações feitas pelo Mestre quando de sua viagem a Lyon:

“Fomos novamente a Lyon este ano, em atenção a reiterados convites dos espíritas daquela cidade. Embora conhecêssemos, pela correspondência, os progressos do Espiritismo naquela cidade, o resultado ultrapassou muito a nossa expectativa. Certamente os leitores nos

⁴ *O que é o Espiritismo?*, cap. I - Pequena conferência Espírita - Segundo diálogo - O céptico - Interdição do Espiritismo.

⁵ *Revista Espírita*, outubro de 1861 - O Espiritismo em Lyon.

agradecerão as informações que lhes damos a respeito. Nelas verão um indício da marcha irresistível da doutrina e uma prova patente de suas consequências morais. (...)

Com efeito, não é mais por centenas que ali se contam os espíritas, como no ano passado, mas por milhares. Melhor dizendo, não mais são contados, e calcula-se que, seguindo a mesma progressão, em um ou dois anos serão mais de trinta mil. O Espiritismo os recruta em todas as classes, mas é sobretudo na classe operária que se propaga com mais rapidez, o que não é de admirar, pois sendo essa a classe que mais sofre, volta-se para onde encontra mais consolações. Vós que gritais contra o Espiritismo, por que não lhe ofereceis o mesmo? Ela se voltaria para vós. Mas, em vez disto, quereis tirar-lhe aquilo que a ajuda a carregar seu fardo de misérias. É a maneira mais apropriada para vos distanciardes das suas simpatias e de engrossardes as fileiras de vossos opositores. O que vimos pessoalmente é de tal modo característico e encerra tão grande ensinamento, que preferimos dedicar aos trabalhadores a maior parte do nosso relatório.

No ano passado havia um único centro de reunião, o de Brotteaux, dirigido pelo Sr. Dijoud, chefe de oficina, e sua mulher. Outros se formaram depois, em diferentes pontos da cidade, em Guillotière, em Perrache, em Croix-Rousse, em Vaise, em Saint-Juste, etc., sem contar um grande número de reuniões particulares. No ano passado havia somente dois ou três médiuns ainda neófitos. Hoje há médiuns em todos os grupos, e vários de primeira categoria. Só num grupo vimos cinco, escrevendo simultaneamente. Vimos também uma jovem, muito boa vidente, na qual pudemos constatar a faculdade desenvolvida em grau muito alto.

Observamos uma coleção de desenhos extremamente notáveis, de um médium desenhista que não sabe desenhar. Pela execução e pela complicação, rivalizam com os desenhos de Júpiter, embora sejam de um outro gênero. Não devemos esquecer um médium curador, tão recomendável por seu devotamento quanto pela potência de sua faculdade.

Sem dúvida é verdade que os adeptos se multiplicam, mas o que vale ainda mais que o número é a qualidade. Ora! Nós declaramos alto e bom som que em parte alguma vimos reuniões espíritas mais edificantes que as

dos operários de Lyon, quanto à ordem, ao recolhimento e à atenção que prestam às instruções de seus guias espirituais. Lá havia homens, velhos, senhoras, moços, e até crianças cuja atitude respeitosa e recolhida contrasta com a sua idade. Jamais uma delas perturbou, por um instante, o silêncio de nossas reuniões, por vezes muito longas. Elas pareciam quase tão ávidas quanto seus pais em recolher nossas palavras. Isto não é tudo. O número das metamorfoses morais, nos operários, é quase tão grande quanto entre os demais adeptos. São hábitos viciosos reformados, paixões acalmadas, ódios apaziguados, intimidades pacificadas, numa palavra, desenvolvidas as virtudes mais cristãs, e isto pela confiança, agora inquebrantável, que as comunicações espíritas lhes dão do futuro, em que não acreditavam. Para eles é uma felicidade assistir a essas instruções, de onde saem reconfortados contra a adversidade. Também se veem alguns que fazem mais de uma légua com qualquer tempo, inverno ou verão, e que tudo enfrentam para não perderem uma sessão. É que neles não há uma fé vulgar, mas uma fé baseada em convicção profunda, raciocinada, e não cega.

Os Espíritos que os instruem sabem admiravelmente pôr-se à altura de seus ouvintes. Os ditados não são trechos de eloquência, mas boas instruções familiares, despretensiosas, e que, por isto mesmo, vão ao coração. As conversas com os parentes e amigos mortos ali representam um grande papel, de onde saem quase sempre lições úteis. Muitas vezes uma família inteira se reúne e a noite se passa em suave enlevo com os que se foram. Eles querem ter notícias dos tios, das tias, dos primos e das primas; saber se são felizes. Ninguém é esquecido. Cada um quer que o avô lhe diga algo, e a cada um ele dá um conselho.

- E pra mim, vovô, perguntava um dia um rapazinho, não direis nada?

- Para ti, meu filho, sim, dir-te-ei alguma coisa: não estou contente contigo. Outro dia, em vez de ir direto ao trabalho, discutiste por uma tolice, no meio do caminho. Isto não é bom.

- Como sabeis disto, vovô?

- Sem dúvida eu sei. Será que nós Espíritos não vemos tudo o que fazeis, desde que estamos ao vosso lado?

- Perdão, vovô. Prometo não fazer mais isto.

Não existe algo de tocante nesta comunicação dos mortos com os vivos? A vida futura aí está, palpitante aos seus olhos; não mais há morte, nem mais a separação eterna, nem o nada; o céu está mais perto da Terra e é melhor compreendido. Se isto é uma superstição, praza a Deus que jamais tivesse havido outras!

Um fato digno de nota, e que constatamos, é a facilidade com que esses homens, na maioria iletrados e endurecidos nos mais rudes trabalhos, compreendem o alcance da doutrina. Pode-se dizer que só lhe veem o lado sério. Nas instruções que lhes demos em diversos grupos, em vão procuramos despertar a curiosidade pelo relato das manifestações físicas, contudo, nenhum deles viu uma mesa mover-se, ao passo que tudo quanto dizia respeito às apreciações morais cativava seu interesse no mais alto grau.

A alocução seguinte nos foi dirigida quando de nossa visita ao grupo de Saint-Just. Publicamo-la, não para satisfazer a uma vaidade tola e pueril, mas como prova dos sentimentos que dominam nas fábricas onde penetrou o Espiritismo, e porque sabemos ser agradável aos que nos quiseram dar esse testemunho de simpatia. Transcrevemo-la textualmente, pois teríamos escrúpulo de lhe acrescentar uma só palavra. Só a ortografia foi revista.

“Senhor Allan Kardec, discípulo de Jesus, intérprete do Espírito de Verdade, sois nosso irmão em Deus. Estamos reunidos todos com o mesmo coração, sob a proteção de São João Batista, protetor da Humanidade e precursor do grande mestre Jesus, nosso Salvador.

“Nós vos rogamos, nosso caro mestre, que mergulheis vosso olhar no fundo de nossos corações, a fim de que possais dar-vos conta da simpatia que temos por vós. Somos pobres trabalhadores, sem artifícios. Uma grossa cortina, desde a nossa infância, foi estendida sobre nós, para abafar a nossa inteligência, mas vós, caro mestre, pela vontade do Todo-

Poderoso, rasgais a cortina. Essa cortina, que eles julgavam impenetrável, não pôde resistir à vossa digna coragem. Oh! sim, nosso irmão, tomastes a pesada enxada para descobrir a semente do Espiritismo, que se tinha encerrado num terreno de granito. Vós a semeais nos quatro cantos do globo, e até nos pobres bairros de ignorantes, que começam a saborear o pão da vida.

“Todos o dizemos do fundo do coração; estamos animados do mesmo fogo e repetimos todos: Glória a Allan Kardec e aos bons Espíritos que o inspiraram! E vós, bons irmãos Sr. e Sra. Dijoud, os abençoados por Deus, por Jesus e por Maria, estais gravados em nossos corações, para jamais sair, porque por nós sacrificastes vossos interesses e vossos prazeres materiais. Deus o sabe; nós lhe agradecemos por vos haver escolhido para esta missão e agradecemos também ao nosso protetor superior São João Batista.

“Obrigado, Sr. Allan Kardec; mil vezes obrigado, em nome do grupo de Saint-Just, por estar entre nós, simples operários e ainda muito imperfeitos em Espiritismo. Vossa presença nos causa uma grande alegria em meio de nossas tribulações, que são grandes neste momento de crise comercial. Vós nos trazeis o bálsamo benfazejo que chamam esperança, que acalma os ódios e reacende no coração do homem o amor e a caridade. Nós nos aplicaremos, caro mestre, em seguir vossos bons conselhos e os dos Espíritos superiores que tiverem a bondade de nos ajudar e instruir, a fim de nos tornarmos, todos, verdadeiros e bons espíritas. Caro mestre, tende certeza de que levais convosco a simpatia de nossos corações para a eternidade, nós o prometemos. Somos e seremos sempre vossos adeptos sinceros e submissos. Permitti a mim e ao médium, que vos demos o beijo de amor fraterno em nome de todos os irmãos e irmãs que aqui estão. Ficaríamos muito felizes também se quisésseis brindar conosco.”

“Nós vínhamos de longe e tínhamos subido às alturas de Saint-Just com um calor extenuante. Alguns refrescos tinham sido preparados, em meio dos instrumentos do trabalho: pão, queijo, frutas, um copo de vinho; verdadeiro ágape oferecido com a simplicidade antiga e um coração sincero. Um copo de vinho! ah! em nossa intenção, porque essa boa gente

não o bebe todos os dias; mas era uma festa para eles: ia-se falar de Espiritismo. Oh! Foi com o coração alegre que brindamos com eles, e seu modesto lanche, aos nossos olhos, tinha cem vezes mais valor do que os mais esplêndidos repastos. Que eles recebam aqui a confirmação disto.

Alguém nos dizia em Lyon: “O Espiritismo penetra nos meios operários pelo raciocínio; não seria tempo de procurar que penetrasse pelo coração?” Certamente esta pessoa não conhece os operários; seria desejável que se encontrasse tanto coração em todas as pessoas. Se tal linguagem não for inspirada pelo coração; se o coração nada significa para aquele que no Espiritismo encontra a força de vencer suas más inclinações; de lutar com resignação contra a miséria; de abafar seus rancores e animosidades; para aquele que partilha seu pedaço de pão com um mais infeliz, confessamos não saber onde está o coração.” (Revista Espírita, outubro de 1861 - O Espiritismo em Lyon.)

Destacamos, deste comovente relato, os seguintes pontos:

- Os Espíritos que instruíam aquelas pessoas sabiam admiravelmente adaptar-se às condições intelectuais e sociais de seus ouvintes. Os ditados não eram trechos de eloquência, mas boas instruções familiares, despretensiosas e singelas, e que, por isto mesmo, vão ao coração.
- As conversas com os parentes e amigos mortos desempenham, para aquele grupo, um grande papel, constituindo fonte importante de lições úteis.
- “Muitas vezes uma família inteira se reúne e a noite se passa em suave enlevo com os que se foram. Eles querem ter notícias dos tios, das tias, dos primos e das primas; saber se são felizes. Ninguém é esquecido.”
- Um fato digno de nota é a facilidade com que esses homens, na maioria iletrados e dedicados aos mais rudes trabalhos, compreendem o alcance da doutrina.

• São tocantes estas palavras dirigidas a Kardec por um operário: “Nós vos rogamos, nosso caro mestre, que mergulheis vosso olhar no fundo de nossos corações, a fim de que possais dar-vos conta da simpatia que temos por vós.” (...) Aqui, como em tantos outros casos em que espíritas da época têm a oportunidade de estar pessoalmente com Kardec, é muito singular que se mostrem emocionados, sensibilizados e reconhecidos ao mestre, como figura humana ímpar, ao passo que hoje em dia, embora saibamos que ele continua em espírito trabalhando por nós, ele é erroneamente visto como inacessível, distante, ou ainda, o que é pior, apenas como um símbolo, um nome, um rótulo.

De uma forma geral, e não apenas com referência a Allan Kardec, ficamos a pensar, não sem certo pesar, onde estaria o *coração* da maioria dos espíritas de hoje? Não sentimos mais interesse pelos afetos com os quais convivíamos até bem pouco tempo, apenas porque não estão mais no corpo físico? Seria o medo ou a indiferença que nos faz enterrá-los para sempre? Temos por certo que os Espíritas têm um bom coração, mas o que lhes falta talvez seja uma fé mais ardente em Deus e nos bons Espíritos, e a consciência clara de que a sobrevivência não é somente uma verdade intelectual, mas deve repercutir profundamente em nossa vida e no mundo de nossos sentimentos.

Em um estudo sobre a reencarnação, publicado na *Revista Espírita* de 1864, um Espírito protetor fez algumas reflexões sobre a afeição, das quais reproduzimos aqui esta pequena parte:

“Para começar, o que é a afeição, o amor? Ainda a atração fluídica que atrai dois seres um para outro, unindo-os num mesmo sentimento. Essa atração pode ser de duas naturezas diferentes, pois os fluidos são de duas naturezas. Mas para que a afeição persista eternamente, é preciso que ela seja espiritual e desinteressada; são precisos a abnegação, o devotamento, e que nenhum sentimento de personalidade seja o móvel desse arrastamento simpático. Desde que nesse sentimento haja *personalidade*, há *materialidade*; ora, nenhuma afeição material persiste nos domínios do Espírito. Então, toda afeição que não é senão o resultado do instinto

animal ou do egoísmo, se destrói com a morte terrena. Assim, quantos seres supostamente amados são esquecidos após pouco tempo de separação! Vós os amastes por vós e não por eles, esses que não vivem mais, pois os esquecestes e substituístes; buscastes a consolação no esquecimento, eles se vos tornaram indiferentes, porque não tendes mais amor.”⁶

O esquecimento ou a indiferença dos vivos para com seus parentes e amigos mortos os atinge penosamente de alguma forma, caso não sejam Espíritos superiores, que é o caso da maioria dos Espíritos que habitam este mundo.

Um Espírito que fora esquecido pelos seus comunicou-se espontaneamente numa de nossas reuniões, na ocasião em que visitávamos uma família amiga que desejava evocar seus parentes, e ainda não tinha médiuns desenvolvidos em seu seio. Sempre iniciamos nossas sessões lendo e refletindo sobre algum texto instrutivo, e naquele momento estudamos a dissertação intitulada “O mal e o remédio”, de Santo Agostinho, que consta no Evangelho segundo o Espiritismo, cap. V., e em seguida evocamos os Espíritos familiares de nossos anfitriões. Além das comunicações dos pais do dono da casa, recebemos também a seguinte comunicação espontânea:

“Sabem, amigos, durante muito tempo eu vaguei triste, com o coração ressequido. Descrente, não via uma ponta de felicidade possível. Eu, que na Terra obtive títulos e fiz fortuna, aqui me encontrei o mais miserável. E o que mais me abatia, sinceramente, não era ter deixado os bens da Terra; o que mais me entristecia era que a família, os amigos, nenhuma lembrança feliz nutriam por mim: eu estava só.

Questionava então a bondade de Deus; fiquei amargurado por um tempo, até que um dia, em um momento de desespero, orei a Deus com fervor e pedi uma oportunidade para refazer a minha vida. Ele me enviou

⁶ *Revista Espírita*, fevereiro de 1864 - Dissertações espíritas - Estudos sobre a reencarnação.

um Anjo, e esse Anjo compadecido apresentou-me a um grupo de pessoas que buscavam, na vida da Terra, outras ocupações que não apenas os interesses materiais, e eu me surpreendi. Eles estavam refletindo sobre a vida além da matéria, e suas discussões iam além do simples ter. Confesso que fiquei surpreso, pois ali estavam famílias, lares que buscavam a harmonia; então passei a frequentar suas reuniões e seus lares, e agora posso dizer, feliz, o quanto tenho aprendido e quanto Deus é bom permitindo que eu aprenda com o Espiritismo e com a convivência no grupo.

O Anjo que me acolheu eu não poderia deixar de dizer que é esse Anjo da alegria, da felicidade, e que os abraça agora: o nosso alegre menino Julinho.⁷

Obrigado, e votos de progresso.”

Um amigo grato pelas lições.

(Comunicação psicografada pelo médium Sr. R. A., em 17/06/2011 –
Em reunião de várias famílias.)

⁷ Julinho é um Espírito que, desde que iniciamos o grupo, muito tem nos auxiliado. Disse ter sido na Terra um discípulo de Santo Agostinho.

6. As reuniões espíritas são também úteis para instrução dos próprios Espíritos

Nós nos devemos uns aos outros; somente pela união sincera e fraternal entre os Espíritos e os encarnados será possível a regeneração. Lacordaire. ⁸

Para ficar ainda mais evidente os benefícios das reuniões sérias, onde há comunhão de pensamentos entre seus membros e uma afeição verdadeira, inserimos aqui uma comunicação que Kardec publicou em *O Céu e o Inferno, ou a justiça divina segundo o Espiritismo.* ⁹

(Comunicação espontânea; Sociedade de Paris; agosto de 1863.)

“Como as emoções sentidas vivamente por corações calorosos nos trazem felicidade! Ó doces pensamentos que vindes abrir uma via de salvação a tudo que vive, a tudo que respira material e espiritualmente, que vosso bálsamo salvador não cessa de espalhar abundantemente sobre vós e sobre nós! Que expressões escolher para traduzir a felicidade que sentem todos os vossos irmãos de além-túmulo na contemplação do puro amor que vos une a todos!

Ah! Irmãos, quanto bem por toda a parte, quantos doces sentimentos elevados e simples como vós, como vossa doutrina, sois chamados a semear na longa estrada que ainda tendes de percorrer; mas também quanto tudo isso vos será devolvido antes mesmo do momento em que tiverdes esse direito!

Assisti a toda esta reunião noturna; escutei, ouvi, compreendi, e vou poder também, por minha vez, cumprir meu dever e instruir a classe dos Espíritos imperfeitos.

⁸ *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XVI - Não se pode servir a Deus e a Mamón - Instrução dos Espíritos - Desprendimento dos bens terrenos, item 14.

⁹ *O Céu e o Inferno* - Segunda Parte – Exemplos, cap. III - Espíritos em condições medianas - Eric Stanislas.

Escutai: eu estava longe de ser feliz; mergulhado na imensidão, no infinito, meus sofrimentos eram tanto mais agudos quanto eu não podia me dar conta exata deles. Deus seja louvado! Ele me permitiu vir a um santuário que os malvados não podem transpor *impunemente*. Amigos, quão reconhecido vos sou, quanta força absorvi entre vós!

Oh! homens de bem, reuni-vos com frequência; instruí, pois não poderíeis imaginar quantos frutos trazem todas as reuniões sérias que fazeis entre vós; os Espíritos que têm ainda muitas coisas que aprender, os que permanecem voluntariamente inativos, preguiçosos e esquecidos de seus deveres podem se encontrar, seja por uma circunstância fortuita, seja de outro modo, entre vós; atingidos por um choque terrível, eles podem, e é o que ocorre muitas vezes, dobrar-se sobre si mesmos, reconhecer-se, entrever o objetivo a alcançar, e fortalecidos pelo exemplo que lhes dais, buscar os meios que podem fazê-los sair do estado penoso em que se encontram. Torno-me com muita alegria o intérprete das almas sofredoras, pois é a homens de coração que me dirijo e sei que não sou repelido.

Aceitai, portanto, mais uma vez, ó homens generosos, receber a expressão de meu reconhecimento particular e a de todos os nossos amigos a quem fizestes, talvez sem o prever, tanto bem.”

Éric Stanislas.

“*O guia do médium*. – Meus filhos, este é um Espírito que foi muito infeliz, porque esteve perdido por muito tempo. Agora compreendeu seus erros, arrependeu-se, e enfim voltou seu olhar para Deus que desconhecera; sua posição não é a felicidade, mas ele aspira a ela e não sofre mais. Deus lhe permitiu vir escutar, e depois ir a uma esfera inferior instruir e fazer avançar os Espíritos que, como ele, transgrediram as leis do Eterno; é a reparação que lhe é pedida. Doravante ele conquistará a felicidade, porque tem essa vontade.”

7. “Os espíritas de hoje são estranhos, não evocam seus familiares.”

Logo que iniciamos nossas reuniões familiares, a ideia de evocar nossos parentes e amigos mortos estava fora de cogitação, não por falta de desejo, mas pelo costume e pelos preconceitos mantidos até então. Numa de nossas sessões, todavia, um Espírito amigo se comunicou espontaneamente e, entre outras coisas, nos disse: “Os espíritas de hoje são estranhos, não evocam seus familiares.”

Aquelas palavras nos tocaram profundamente, pois começamos a perceber que estávamos longe de colocar em prática tudo o que já havíamos lido nas obras de Allan Kardec, especialmente na *Revista Espírita*, em que constam os exemplos da prática de Kardec e dos Espíritas do século XIX de modo geral. É na *Revista* que Kardec dá mais notícias das atividades dos Espíritas, das evocações particulares, dos conselhos recebidos dos Espíritos familiares e dos Anjos guardiões na intimidade do lar, das curas de obsessões e de enfermidades físicas pela mediunidade curadora, etc.

8. Benefícios do Espiritismo prático: Um caso de loucura obsessional

A nossa mãe, Sra. V., passou cerca de cinquenta anos sob uma obsessão terrível, tendo sido diagnosticada pelos especialistas da época como louca. Após ter enfrentado diversos tratamentos dolorosos, em meados do século XX, passando por clínicas psiquiátricas que usavam todos os recursos conhecidos até então para tratamento de casos como esse, faleceu após ter ficado cerca de dez anos quase totalmente paralisada por um AVC, que lhe adveio aos setenta e poucos anos de idade.

No decorrer dos anos, e tendo esgotado todos os recursos da medicina sem que nenhuma melhora se apresentasse, nossa mãe passou a frequentar os cultos de uma igreja evangélica situada perto de sua casa.

Suas ideias foram sofrendo a influência da nova crença e, embora nos últimos anos de sua existência terrena não pudesse mais frequentar a igreja, morreu acreditando que ao sair do corpo iria “dormir no Senhor” até o dia do juízo final.

Quando ela faleceu nós já éramos espíritas, mas ainda não havíamos despertado para a prática da evocação como meio de auxiliar o Espírito a sair da perturbação que se segue à morte, que em muitos casos é de longa duração. Assim, passaram-se alguns anos após a sua morte até que um dia, já mais esclarecidos na Ciência Espírita e fazendo as reuniões familiares, perguntamos aos nossos Guias se poderíamos evocá-la. Eles responderam afirmativamente e acrescentaram que poderíamos contar com a assistência deles. Resolvemos então evocá-la.

Por uma lei de Deus toda de amor e misericórdia, uma mãe não pode deixar de ouvir o chamado do coração de seus filhos, e a nossa mãe nos atendeu. Veio dialogar conosco, superando os próprios preconceitos de crenças. Ao longo do tempo e das conversas, nas quais buscamos esclarecê-la sobre as leis divinas, segundo o Espiritismo, ela foi saindo da perturbação e compreendendo melhor a vida nova na qual estava mergulhada.

Sua fé em Jesus aumentou e, percebendo a presença do seu Anjo guardião, ela se tornou mais feliz e mais livre. Ainda hoje os diálogos que temos com nossa mãe são muito instrutivos para nós e para ela. Disse-nos que seus sofrimentos foram justos e contribuíram para expiação de faltas passadas. “Os Espíritos que me atormentavam eram alguns dos que prejudiquei em outras existências e que não conseguiram me perdoar”, contou-nos ela.

Numa evocação mais recente, tivemos com ela uma conversa da qual reproduzimos aqui algumas passagens:

P. Hoje a senhora compreende melhor o que aconteceu quando estava no corpo, sobre sua chamada “loucura”? R. – Sim.

P. Eram maus Espíritos que a perturbavam? R. – Sim. Eles me perseguiram, e eram compromissos do passado. Naquele tempo eu não entendia isso, ninguém entendia.

P. Então a senhora era médium? R. – Era. Eu via, escutava, e às vezes eles também se apoderavam do meu corpo.

P. Parece que a senhora tinha vários tipos de faculdades mediúnicas: a vidência, a audição, a possessão? R. – Sim, mas tudo era como se tivesse embaralhado, eu não sabia o que acontecia.

P. Havia uma confusão na sua cabeça? R. – Havia, mas agora eu compreendo melhor o que se passava.

P. Antes de a senhora nascer na Terra, como Sra. V..., havia solicitado a mediunidade como meio de progresso? Lembra-se disso? R. – Sabia que, se pudesse ter mais consciência do mundo espiritual, poderia dar conta dos meus compromissos, por isso eu não tinha medo. Depois, no corpo, não sabia direito como tudo aquilo acontecia.

P. Os barulhos, as luzes apagando e acendendo, fenômenos que muitas vezes aconteciam lá em casa, eram provocados por esses Espíritos? R. – Sem dúvida, e não era só eu que podia perceber, mas outros membros da família também podiam, inclusive o pai de vocês. Esses fenômenos eram para que todos pudessem saber que a vida é mais do que a vida do corpo físico.

P. Aquelas ações dos maus Espíritos sobre a senhora poderiam ter sido evitadas, antes que tomassem vulto? Se poderiam ser evitadas, de que maneira? R. Hoje vejo que tudo o que eu passei foi justo. Se eu não tivesse que passar por tudo aquilo, com certeza não passaria, porque Deus é justo. Se eu soubesse melhor o que vocês sabem hoje, é bem possível que eu não tivesse sofrido assim. Mas não sabia, e Deus queria assim.

P. Apesar da ação dos maus Espíritos a senhora também ouvia os conselhos do seu Anjo guardião? R. – Sim. Pois eu sofria, mas de certa forma entendia o porquê. Então eu sabia, tinha fé, e fui superando, fui aguentando.

9. Escolha de provas com vistas a superar o orgulho e o egoísmo

Numa ocasião em que estudávamos o orgulho, esse vício que tanto nos tem infelicitado, evocamos, durante alguns meses, nossos familiares e amigos mortos para que nos falassem sobre essa chaga e de como a enfrentaram em suas existências terrenas. Obtivemos, entre outras tantas, uma comunicação da Sra. G..., avó paterna de um dos membros do grupo familiar:

“Meus filhos. Vou chamá-los todos de meus filhos porque faço parte dessa família, sinto-me nessa família, e já que vocês me deram a oportunidade de vir falar, eu quero falar um pouco.

Eu fui para a vida no corpo aprender um pouco sobre a humildade; fui negra para aprender a ser mais humilde, e cometi algumas faltas porque levei comigo esse vício do qual estão falando tanto, que é o orgulho. Fiz questão, meus filhos, de incentivar o orgulho naqueles que estavam próximos de mim. Como coração de mãe que queria ver o seu filho doutor, esqueci que o mais importante é levar dessa vida os títulos morais, e insuflei em meu filho ideias equivocadas.¹⁰ Foi, de minha parte, um grande erro, por isso venho agora dizer a vocês que lutem contra esse sentimento que nos traz tanto sofrimento quando voltamos para a vida verdadeira.

Pergunta: O orgulho é mesmo um engano, não? R. – Um grande engano. Não há nada que possamos trazer da Terra para o lado de cá e que nos engrandeça, que não sejam as boas coisas que fizemos, e os bons sentimentos que alimentamos.

P. Há algo que possamos fazer pela senhora? R. – Sim, orem pelo meu filho, pois logo mais, se Deus permitir, poderemos ajudar mais. Orem também uns pelos outros, continuem estudando esse vício, e lutem para se

¹⁰ A Sra. G. refere-se a seu filho que ainda está no corpo.

libertarem desse mal. Não posso mais continuar... Agradeço muito por tudo, pelos bons sentimentos, pelas boas lembranças.

P. A senhora não pode continuar por alguma razão especial? R. – O médium...

P. A emoção o impede? R. – Sim.

P. Teremos ainda outras oportunidades que Deus irá nos conceder... R. – Sim. Agora me despeço.

Por psicofonia, pelo médium Sr. R., neto da Sra. G., em 12 de fevereiro de 2010.

Numa outra oportunidade a Sra. G... nos deu este emocionante depoimento:

“A vida que escolhi, e que de certa forma vivi aqui na Terra foi uma vida em que olhei o tempo todo só para os meus. Tudo girava em torno da minha família; meus sentimentos de mãe fizeram-me feliz, e ao mesmo tempo desgraçada. Feliz, porque pude dar à luz filhos que amei e amo muito; desgraçada, porque esse amor infantil não me deixava ver o quanto precisamos ver os filhos e demais familiares como Espíritos imortais.

Hoje, meus caros, que vejo alguns do meu seio vinculados a esse Espiritismo que ilumina, sinto-me honrada e agradecida a Deus, porque foi essa ideia que fez e que faz com que lembrem de mim sempre, e que eu nunca me sinta só e possa dizer-lhes, depois de morta, o quanto os amo, e assegurar-lhes que continuamos vivendo e estamos juntos.

Quero registrar os meus sinceros agradecimentos a este núcleo familiar, a Jesus, nosso Mestre, e a esses bons Guias que nos sustentam nas lutas.

Que Deus os abençoe. Hoje estou aprendendo a olhar também outros como meus familiares.”

G..., avó do médium

(Comunicação psicografada pelo médium Sr. R, em 29 de outubro de 2011.)

10. As vantagens da evocação dos Anjos na educação dos filhos

Qual a família que, conhecendo a possibilidade de obter conselhos dos Anjos guardiães de seus filhos para melhor orientá-los, poderia dispensar tal socorro?

O casal Sr. e Sra. A., pais de cinco filhos, sentiam, quanto ao mais novo, garoto de seis anos de idade, de impressionante vivacidade e um temperamento rebelde, certa dificuldade para trabalhar esse seu caráter insubmisso. Então a mãe recorreu ao Espírito que vela pelo menino e lhe pediu conselhos, pela evocação. Eis os conselhos que recebeu:

“Bendita reencarnação que permite ao homem renascer e recomeçar uma vida numa nova oportunidade de perceber o mundo de forma diferente.

Esse Espírito, [do menino] por muito tempo apegado a tudo o que a matéria pode oferecer, hoje vem percebendo outras possibilidades de ser feliz. O amor paternal que o envolve desperta nele um novo ser, e a família faz com que perceba outras formas de felicidade, que não o domínio, o poder, a que se havia habituado. A fragilidade, nele se encontra mascarada pela violência, e desponta muitas vezes em forma de defesa, de agressão. O homem das sensações de outrora, deve hoje despertar o Espírito, cultivá-lo, desenvolver nobres sentimentos e a responsabilidade. A firmeza dos pais, com equilíbrio, com amor, vai lhe mostrar uma outra face da vida. A convivência com pessoas que buscam elevar o Espírito, que buscam o bem no falar, no pensar e no agir, faz surgir no Espírito da criança a necessidade do equilíbrio e de se tornar um homem de bem. O amor verdadeiro acorda as almas para o belo, para o bem, para Deus.

O exemplo é a melhor forma de educação; as atitudes do educando refletem o jeito de ser de seus educadores; por esse motivo manter uma constância de bom comportamento será de vital importância para aquele que vos observa e tende a vos imitar. Se pudésseis perceber a importância que têm os vossos exemplos, as marcas que deixam nas almas que amais, certamente vossos esforços seriam maiores para que, pelo vosso modo de viver, formásseis Espíritos fortes e direcionados para Deus, ao invés de almas frágeis que buscam a própria felicidade nos prazeres fugidios da matéria.

Rogamos a Deus que vos dê a lucidez necessária para bem conduzirdes vossos filhos.

O Anjo guardião evocado.

(Comunicação psicografada pela Sra. N., em 06 de novembro de 2009.)

Esse mesmo garotinho um dia passou mal na escola, teve náusea e vômito. Pediu licença para a professora e foi ao banheiro. Lá ele fez uma prece e pediu ao Dr. Demeure que o curasse. Ao chegar em casa à noite contou aos pais o que havia acontecido e disse que o Dr. Demeure o havia curado. Os pais perguntaram por que ele não contou à professora, ou não pediu a ela para avisá-los, e ele respondeu: “O Dr. Demeure sempre ajuda a gente aqui em casa, quando a gente chama, e vocês estavam trabalhando, não poderiam ir tão rápido como o Dr. Demeure, que é Espírito. Então eu chamei ele, ele veio e me curou.”

O Dr. Demeure foi um médico homeopata do século XIX, e seu nome consta como um dos Espíritos felizes, em O Céu e o Inferno. Há também muitas referências a ele na Revista Espírita. Trata-se de um Espírito muito solícito, e realmente sempre que o chamamos ele vem nos auxiliar, tanto em questões de saúde quanto para nos dar instruções morais.

11. Uma mãe, agora arrependida, vem trazer conselhos aos familiares que ainda estão encarnados.

Numa de nossas sessões estudamos o texto “Primeiras lições de moral da infância”, escrito e publicado por Allan Kardec, na Revista Espírita de fevereiro de 1864. Em seguida fizemos preces pelos familiares encarnados e desencarnados, e evocamos nossos Anjos guardiães para nos trazerem conselhos e orientações. Além dos conselhos solicitados, recebemos também uma comunicação espontânea da mãe de um dos nossos cunhados, falecida havia cerca de dez anos, que foi católica quando encarnada. Ela ditou o seguinte:

“O descuido com as coisas da alma gera o sofrimento, e o sofrimento nos acompanha ainda depois que deixamos o corpo, por ser também nossa a responsabilidade na educação dada aos filhos que geramos.

Quando morremos, após um tempo de entorpecimento, começamos a despertar e perceber o que poderíamos ter feito e não fizemos, por estarmos entretidos somente com os afazeres da vida na matéria; então percebemos a importância das lições não dadas, do amor exigente que não soubemos viver. Mas Deus ainda nos dá a chance de recomeçar, de estar bem perto daqueles que amamos, mesmo que por hora eles estejam surdos aos nossos conselhos. Temos aprendido muito, e agora percebo que nossa atenção deve estar mais voltada para o Espírito dos filhos que devemos conduzir a Deus, e que estão sob nossa responsabilidade.

Hoje queria poder voltar o tempo, pegar meus filhos no colo e falar-lhes de Deus, ensinar-lhes a fé, mostrar um caminho mais seguro, e é isso que busco fazer hoje, com a permissão de Deus, que jamais nos abandona. Muitas vezes me entristeço, mas tenho lutado para manter o bom ânimo, a alegria que sustenta e alimenta a fé.

Agradeço-lhes o auxílio, a sinceridade, e peço que orem por todos nós; a união nos sustentará nesse caminho que precisamos refazer e, com a bondade de Deus e dos bons Espíritos, conseguiremos vencer. A esperança deve sempre estar presente. Fiquem com Deus.

I. C.”

(Ditado espontâneo, psicografado pela Sra. N., em 08/01/2012 –
Reunião Familiar.)

Numa outra oportunidade, em que participaram da nossa reunião familiar a nora e uma das netas da Sra. I. C., ela comunicou-se espontaneamente e ditou o seguinte:

“Ah, como fico feliz por poder estar aqui! Como são proveitosos esses estudos, quando todos buscam com sinceridade a instrução!

Hoje gostaria de falar um pouco sobre a fé na vida futura, sobre a importância na vida das pessoas, dessa fé que faz com que se compreenda que a vida no corpo é passageira; que tudo o que é material fica aí, e só podemos trazer aquilo que fizemos de bem ou de mal. Se as pessoas soubessem da importância de pensar na vida após a morte, mudariam tantas coisas, os interesses seriam outros, o comportamento seria outro.

Infelizmente não é assim... e então a gente reza porque um dia alguém disse para a gente rezar, mas muitas vezes sem saber a importância que tem uma oração, nem como ela pode nos ajudar e ajudar outras pessoas. Se tivéssemos fé em Deus, ao invés de um comentário que aumente o defeito de nosso próximo, enviaríamos um bom pensamento, desejando que a pessoa seja feliz. Quantos males poderiam ser evitados, com a certeza de que a vida continua para além do túmulo! Como poderíamos ser mais felizes.

Tanto tempo caminhamos por estradas equivocadas... Mas vocês podem aproveitar essa oportunidade para tornar a família mais lúcida, mais unida e com certeza mais feliz. Tanto sofrimento temos visto, porque a maioria das pessoas não pensam em como será depois que se encerra a vida do corpo; tantas coisas sem importância são mantidas, como mágoas que demoram anos para se resolver..., tudo sem sentido!

Eu peço perdão pelos meus equívocos, e me equivoquei por ignorância, mas vocês ainda podem mudar o rumo das coisas, procurando aumentar a

fé, e assim serão mais tranquilos quando voltarem para cá. Orem sempre e peçam a Deus que aumente a sua fé e a de toda a família. Com muito carinho,

I. C.”

Psicografada pela Sra. N., em 12/04/2013 – Reunião familiar.

12. As conversas familiares de além-túmulo fortalecem a fé e nos iniciam na vida futura

Em o *Livro dos Médiuns*, no item abaixo, constam valiosos ensinamentos sobre as vantagens da interação com os Espíritos, para fortalecer a nossa fé:

292. Questões sobre a sorte dos Espíritos.

21^a Podem pedir-se aos Espíritos esclarecimentos sobre a situação em que se encontram no mundo espiritual?

"Sim, e eles os dão de boa-vontade, quando é a simpatia que dita o pedido, ou o desejo de lhes ser útil, e não a simples curiosidade."

22^a Podem os Espíritos descrever a natureza de seus sofrimentos ou da felicidade de que gozam?

"Perfeitamente e as revelações desta espécie são um grande ensinamento para vós outros, porquanto vos iniciam no conhecimento da verdadeira natureza das penas e das recompensas futuras. Destruindo as falsas ideias que hajais formado a tal respeito, elas tendem a reanimar a vossa fé e a vossa confiança na bondade de Deus. Os bons Espíritos se sentem felizes em vos descreverem a felicidade dos eleitos; os maus podem ser constrangidos a descrever seus sofrimentos, a fim de que o arrependimento os ganhe. Nisso encontram eles, às vezes, até uma espécie de alívio: é o desgraçado que se lamenta, na esperança de obter compaixão.

"Não esqueçais que o fim essencial, exclusivo, do Espiritismo é a vossa melhora e que, para o alcançardes, é que os Espíritos têm a permissão de vos iniciarem na vida futura, oferecendo-vos dela exemplos de que podeis aproveitar. Quanto mais vos identificardes com o mundo que vos espera, tanto menos saudosos vos sentireis desse onde agora estais. Eis, em suma, o fim atual da revelação." (...) (*Livro dos Médiuns* - Segunda parte - Das manifestações espíritas, cap. XXVI - Das perguntas que se podem fazer aos Espíritos - Sobre a sorte dos Espíritos, item 292.)

13. Expições terrenas

A Sra. Sagrário

Um dia assistimos, no grupo familiar, um documentário feito por uma equipe francesa, intitulado: “O Pequeno Anjo da Colômbia”, que conta um pouco da história de Albeiro Vargas Romero, um garoto que desde os seis anos de idade dedica sua vida a cuidar e amparar os velhinhos abandonados pela sociedade, na cidade de Bucaramanga, na Colômbia, no bairro pobre onde nasceu. O documentário mostrou uma velhinha, a Sra. Sagrário que, num barraco de madeira muito pequeno e todo esburacado, vivia sozinha havia dezoito anos. Albeiro e as demais crianças que o auxiliavam iam lhe dar banho e comida, pois a velhinha estava quase totalmente paralisada. A Sra. Sagrário morreu enquanto o documentário estava sendo gravado, e a equipe mostrou Albeiro levando flores ao seu túmulo, pois a acompanhou também naquele momento derradeiro.¹¹

O documentário nos comoveu a todos, e o sofrimento pelo qual passara aquela senhora despertou em nós a vontade de evocá-la para saber se agora estava feliz. Então a chamamos a lhe fizemos as seguintes perguntas:

- O que significou para a Sra. aquela vida de misérias?
- Como a Sra. vê hoje o trabalho de Albeiro Vargas?

¹¹ O documentário está disponível na internet: <http://youtu.be/rE8Phg3lL44>

Obtivemos a seguinte resposta:

“Naquela humilde choupana, sofrendo todos os tipos de provas, vivi os mais importantes momentos para minha libertação como Espírito.

Eternamente grata ao Anjo bom que ainda leva alegria a tantos abandonados, que perdem a esperança diante das provas da vida, hoje o acompanho, juntamente com muitos outros Espíritos que se juntam para aliviar as misérias humanas, tanto dos que ainda vivem no corpo, quanto daqueles que voltam, sem rumo, ao mundo dos Espíritos.

Bendito Espírito abnegado que se propôs a nascer dentre a mais profunda miséria para despertar o amor onde só à matéria se dá valor.

Quase desconhecido pela maioria do mundo, ele segue firme na missão que abraçou, e como ele muitos outros desconhecidos trabalham para aliviar a dor onde impera a miséria e o egoísmo ainda faz morada.

O sentimento do amor demora a despertar nos corações quando se está longe do sofrimento, pois os objetivos são outros, que não o de aliviar a dor de nosso irmão. A família consanguínea tem mais peso, enquanto a grande família humana não nos desperta interesse.

Onde estivermos, porém, podemos desenvolver o amor através da caridade, observando tantos que, abastados, sofrem as mais rudes misérias morais. Quando nos dispomos ao bem, abandonamos a nossa situação de individualismo para prestar atenção a todos os que nos cercam, e então começamos a compreender o amor.

Abraço todos com carinho e agradeço pela lembrança.

Que Deus os abençoe, e que essa fé que abraçam lhes traga felicidade.

Sagrário, bem mais jovem agora.”

(Comunicação psicografada pela Sra. N. L., em 28/12/2010 – Reunião familiar.)

Na mesma sessão obtivemos também duas comunicações espontâneas:

“A miséria era para nós expiação, nossas dores e sofrimentos eram-nos resgate.

Mas Deus enviou-nos um Anjo. Ele, com seu caráter firme e doce trouxe-nos alegria e felicidade, ensinou-nos que a vida vale a pena ser vivida independentemente da sua condição. Seu exemplo aumentou nossa fé; sua bondade feriu-nos o orgulho e aprendemos com o seu exemplo de solidariedade.

Deus nos ama e por isso mandou-nos, dos céus, essa alma a quem devemos nossa vida, que não se resumia àquele momento, mas está se refletindo agora, porque marchamos juntos com ele retribuindo uma parcela muito ínfima daquilo que um Espírito que ama é capaz de oferecer.

Nossos agradecimentos pelo interesse, e nosso pedido sincero para que o Pai inspire outras almas a fazer pelos menos afortunados o que Albeiro fez por todos nós.

Seus amigos e discípulos.”

(Comunicação psicografada pelo Sr. R. A., em 28/12/10 – Reunião familiar.)

“A Deus pertence o futuro da humanidade na Terra, para isso deu ao homem o livre-arbítrio e, para que aprenda como melhor utilizá-lo, envia de tempos em tempos essas almas que são os Seus prepostos, a fim de ensinar-lhe com seus exemplos.

Por si só, o homem muito pouco avançaria, pois ficaria preso aos preconceitos e ao orgulho que ainda o detém na retaguarda. Esses Espíritos simples e humildes habitam a Terra em lugares tantas vezes mais remotos, e vivem de forma que somente seus atos de amor e caridade se destaquem, para ensinar que o amor exige submissão às leis de Deus. Sem bandeira de religião, de partidos, de preferências, eis que essas almas vêm vos ajudar a compreender que Deus é único, mas os caminhos para chegar

a Ele, os mais variados. Cabe a cada um, no caminho que elegeu, fazer o melhor para cumprir os Seus desígnios e avançar. Que Deus nos guie.”

Sem nome

(Comunicação psicografada pelo Sr. R. A., em 28/12/10 – Reunião familiar.)

Observação: Talvez se diga que nenhum conhecimento novo essas comunicações nos trouxeram. Para nós, porém, foram uma contribuição importante, aumentando nossa fé no futuro, dando-nos a comprovação do que temos estudado na Ciência Espírita sobre as provas escolhidas, sobre a utilidade do sofrimento e de suas causas justas. Fizeram-nos refletir mais sobre os verdadeiros missionários que Deus envia à Terra para auxiliar seus filhos nas provas mais rudes, ajudando-nos a desfazer ideias equivocadas sobre a situação dos Espíritos depois da morte. Jamais algum Espírito que evocamos, seja bom ou mau, superior ou inferior, precisou de outra permissão para se comunicar conosco, que não a de Deus, que é todo amor e misericórdia. Jamais um Espírito evocado disse estar preso em algum local circunscrito e por isso impedido de falar com os que ficaram no corpo; jamais tiveram de “pagar pedágio” para atender ao chamado de quem os evoca, etc. Cremos que essas constatações têm algum valor para quem busca vencer os preconceitos e as superstições, que tanto nos fazem sofrer e retardam o nosso progresso moral.

14. O menino Gabriel Delanne

Os Espíritas conhecem os Escritos do Sr. Gabriel Delanne, filho de Alexandre Delanne, amigo de Allan Kardec. O mais surpreendente é que ele mesmo, aos oito anos de idade, dirigiu uma sessão de evocação com a gravidade que aprendera com seus pais, como se verá na matéria da *Revista Espírita* transcrita a seguir. Diante disso nós nos perguntamos: com quem nossos filhos aprenderão a interagir com os Espíritos com seriedade e naturalidade, se nós não o fazemos? Será que, se nos

omitirmos, não acabarão desenvolvendo o temor, a incredulidade, o erro, ou indiferença para com a parte prática do Espiritismo, que envolve, de forma essencial, a comunicação com os Espíritos?

(Extraído da *Revista Espírita* de outubro de 1865 – Variedades - Vossos filhos e vossas filhas profetizarão.)

O Sr. Delanne, que muitos de nossos leitores já conhecem, tem um filho de oito anos. Esse menino, que a cada instante ouve falar do Espiritismo em sua família, e que muitas vezes assiste às reuniões dirigidas por seu pai e sua mãe, assim cedo se viu iniciado na Doutrina, e surpreende pela justeza com que discute os seus princípios. Isto nada tem de surpreendente, pois é apenas o eco das ideias com que foi embalado. Mas, não é esse o objetivo deste artigo; é apenas a introdução à matéria do fato que vamos relatar e que cabe nas circunstâncias atuais.

As reuniões do Sr. Delanne são graves, sérias e conduzidas com uma ordem perfeita, como devem ser todas aquelas nas quais se quer colher frutos. Embora as comunicações escritas ali ocupem o primeiro lugar, eles também se ocupam, acessoriamente e a título de instrução complementar, de manifestações físicas e tiptológicas, porém a título de ensinamento, e nunca como objeto de curiosidade. Dirigidas com método e recolhimento e sempre apoiadas em algumas explicações teóricas, elas estão nas condições desejadas para levar à convicção, pelas impressões que produzem. É em tais condições que as manifestações físicas são realmente úteis; elas falam ao espírito e impõem silêncio à troça; ali sente-se em presença de um fenômeno cuja profundidade se entrevê e que até afasta a ideia da brincadeira. Se estas espécies de manifestações, de que tanto se tem abusado, fossem sempre apresentadas dessa maneira, em vez de serem um divertimento e pretexto para perguntas fúteis, a crítica não as teria taxado de charlatanice; infelizmente, muitas vezes dão ensejo a isso.

O filho do Sr. Delanne muitas vezes participara dessas manifestações e, influenciado pelo bom exemplo, as considerava como coisa séria.

Um dia ele se achava em casa de uma pessoa conhecida e brincava no pátio da casa com sua priminha de cinco anos de idade, e dois meninos, um de sete e outro de quatro anos. Uma senhora que morava no piso térreo os convidou a entrar em sua casa e lhes deu bombons. As crianças, como se pode imaginar, não se fizeram de rogadas.

A senhora perguntou ao filho do Sr. Delanne:

- Como te chamas, meu filho?

- Eu me chamo Gabriel, senhora.

- Que faz teu pai?

- Senhora, meu pai é espírita.

- Eu não conheço essa profissão.

- Mas, senhora, não é uma profissão; meu pai não é pago para isto, ele o faz com desinteresse e para fazer o bem aos homens.

- Meu rapazinho, não sei o que queres dizer.

- Como! Jamais ouvistes falar das mesas girantes?

- Pois bem, meu amigo, bem gostaria que teu pai estivesse aqui para fazê-las girar.

- Não precisa, senhora, eu mesmo tenho o poder de fazê-las girar.

- Então, queres experimentar e me mostrar como se procede?

- De boa vontade, senhora.

Dito isto, ele se sentou junto a uma mesinha de sala e fez ali se colocarem seus três pequenos colegas; e eis os quatro pondo gravemente as mãos sobre a mesa. Gabriel fez uma evocação, em tom muito sério e com recolhimento; mal terminou e, para grande estupefação da senhora e das crianças, a mesa ergueu-se e bateu com força.

- Perguntai, senhora, disse Gabriel, quem vem responder por meio da mesa.

A vizinha interroga e a mesa soletra as palavras: *teu pai*. A senhora empalideceu de emoção. Ela continua:

- Então, meu pai, queres me dizer se devo mandar a carta que acabo de escrever?

- A mesa responde: sim, sem falta.

- Para me provar que és tu, meu bom pai, que estás aí, poderias me dizer há quantos anos estás morto?

A mesa dá imediatamente oito pancadas bem acentuadas. Estava correto o número de anos.

- Poderias dizer-me teu nome e o da cidade onde morreste? A mesa soletra esses dois nomes.

As lágrimas jorraram dos olhos daquela senhora, que não pôde continuar, tanto fora alterada por essa revelação e dominada pela emoção.

Seguramente este fato desafia toda suspeita de preparação do instrumento, de ideia preconcebida e de charlatanismo. Também não se podem pôr os dois nomes soletrados à conta do acaso. Duvidamos muito que essa senhora tivesse recebido tamanha impressão numa das sessões dos Srs. Davenport, ou em qualquer outra do mesmo gênero. De resto, não é a primeira vez que a mediunidade se revela em crianças, na intimidade das famílias. Não é o cumprimento daquelas palavras proféticas: *Vossos filhos e vossas filhas profetizarão?* (Atos dos Apóstolos, II:17). Allan Kardec

15. O jovem instruído na Ciência Espírita

Não temais, tampouco, admitir os jovens nas reuniões; a gravidade da assembleia se refletirá sobre seus caracteres; eles se tornarão mais sérios; cedo obterão no ensino dos bons Espíritos a fé viva em Deus e no futuro, o sentimento dos deveres de família que torna mais dócil, mais respeitoso, e tempera a efervescência das paixões.

Allan Kardec¹²

Entrevistamos duas jovens da nossa família, as Srtas. C... e G..., que desde a adolescência participam das reuniões familiares, sobre o que representam essas atividades em suas vidas. Reproduzimos aqui uma parte do que elas disseram:

- Fazemos reunião familiar com evocação dos Espíritos desde quando tínhamos cerca de onze anos de idade. Costumamos evocar nossos familiares, nossos Anjos guardiães, e Espíritos que sofrem por estarem obsidiando alguém.

- Cada Espírito evocado traz um novo aprendizado. É bom saber que os nossos afetos que morreram não estão perdidos para sempre, continuam ao nosso lado, contam-nos se são felizes ou infelizes, e como alguns deles se arrependem de coisas que deixaram de fazer ou que fizeram, mas não deveriam, alertam-nos sobre nossas atitudes equivocadas, sobre as penas e recompensas na vida futura. São experiências daqueles que amamos e convivemos, por isso nos tocam e nos fazem refletir.

- Com os maus Espíritos, aqueles que estão tirando vingança de alguém, também aprendemos. São Espíritos imperfeitos como nós, então

¹² Viagem Espírita em 1862 - Instruções particulares dadas aos grupos em resposta a algumas das questões propostas – X.

percebemos que nossa realidade não está tão distante da deles. Quando estamos nesse processo de evocá-los há várias coisas que aprendemos. Vemos a importância do perdão, já que o Espírito está sofrendo pela falta dele. Fortalecemos a nossa fé ao ver a melhora do obsidiado quando o Espírito se arrepende e é moralizado, e exercitamos a caridade e a abnegação auxiliando nosso próximo.

- Na evocação dos Anjos recebemos conselhos práticos mesmo, que dizem respeito às nossas atitudes e pensamentos no decorrer dos dias. Percebemos que nunca estamos sozinhas porque ele sempre está do nosso lado e nos ama, e assim temos mais calma e confiança em Deus.

- A reunião familiar nos dá apoio e base para nossas escolhas. O uso de drogas, depressão, são problemas recorrentes na juventude, e é difícil ser equilibrado nesse período da vida. Usamos a lente espírita para compreender as situações, para ter mais equilíbrio. Compreendemos a importância e a gravidade das nossas atitudes e pensamentos.

- Quando temos problemas com algum colega de classe ou com professores, em vez de fulminá-los com nossos pensamentos ou com a maledicência, pedimos aos membros do grupo familiar que orem por este ou aquele, e nós também oramos, e as coisas vão ficando melhores. Hoje entendemos que todos têm um Anjo guardião que se esforça para conduzir ao bem o seu protegido, e que nossas preces dão forças aos Anjos e a maledicência ou o ódio dão forças aos maus Espíritos.

16. Um erro muito comum nos grupos iniciantes é esperar comunicações espontâneas.

As comunicações espontâneas inconveniente nenhum apresentam, quando se está senhor dos Espíritos e certo de não se deixar dominar pelos maus. Allan Kardec

O Espiritismo é a ciência que veio nos ensinar as leis que regem as relações entre homens e Espíritos, portanto não podemos desconsiderá-la quando fazemos uso da sua parte prática. A parte prática do Espiritismo não é uma prática mística que nos dispense do uso da razão, nem dos esforços para compreender as suas leis e a elas ajustar a nossa prática. Convém, pois, não perdermos de vista a definição que Kardec dá do Espiritismo, a fim de que a tenhamos sempre em mente:

O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática ele consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os Espíritos; como filosofia, compreende todas as consequências morais que decorrem dessas mesmas relações.

Podemos defini-lo assim: *O Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal.* (Allan Kardec, O que é o Espiritismo, Preâmbulo.)

As orientações a seguir são de Kardec, e as extraímos do *Livro dos Médiuns*:

“Os Espíritos podem comunicar-se espontaneamente, ou atender ao nosso chamado, isto é, vir por evocação. Algumas pessoas pensam que todos devem abster-se de evocar tal ou tal Espírito, e que é preferível esperar aquele que queira se comunicar. Fundam-se em que, chamando um determinado Espírito, não podemos ter a certeza de ser ele quem se apresenta, ao passo que aquele que vem espontaneamente, de seu moto próprio, melhor prova a sua identidade, pois manifesta assim o desejo que tem de se entreter conosco. Em nossa opinião, isso é um erro: primeiramente, porque há sempre em torno de nós Espíritos, as mais das vezes de condição inferior, que outra coisa não querem senão comunicar-se; em segundo lugar e mesmo por esta última razão, não chamar a nenhum em particular é abrir a porta a todos os que queiram entrar. Numa assembleia, não dar a palavra a ninguém é deixá-la livre a toda a gente e sabe-se o que daí resulta. O chamado direto de determinado Espírito constitui um laço entre ele e nós; chamamo-lo pelo nosso desejo e opomos assim uma espécie de barreira aos intrusos. Sem um chamado

direto, frequentemente um Espírito nenhum motivo teria para vir a nós, a menos que seja o nosso Espírito familiar.

Essas duas maneiras de operar têm cada uma suas vantagens, e inconveniente não haveria senão na exclusão absoluta de uma delas. As comunicações espontâneas inconveniente nenhum apresentam, quando se está senhor dos Espíritos e certo de não se deixar dominar pelos maus. Então, é quase sempre bom aguardar a boa-vontade dos que desejam manifestar-se, porque seu pensamento não sofre nenhum constrangimento, e dessa maneira se podem obter coisas admiráveis; entretanto, pode suceder que o Espírito por quem se chama não esteja disposto a falar, ou não seja capaz de fazê-lo no sentido desejado. O exame escrupuloso que temos aconselhado, é, aliás, uma garantia contra as más comunicações. Nas reuniões regulares, naquelas, sobretudo, em que se faz um trabalho continuado, há sempre Espíritos habituais que a elas comparecem, sem que sejam chamados, por estarem prevenidos, em virtude mesmo da regularidade das sessões. Frequentemente então tomam espontaneamente a palavra, para tratar de um assunto qualquer, desenvolver uma proposição ou prescrever o que se deva fazer, caso em que são facilmente reconhecíveis, quer pela forma da linguagem, que é sempre idêntica, quer pela escrita, quer por certos hábitos que lhes são peculiares. (*O Livro dos Médiuns* - Segunda parte - Das manifestações espíritas, cap. XXV - Das evocações - Considerações gerais, item 269.)

“Quando se deseja comunicar com *determinado* Espírito, é de toda necessidade evocá-lo. (N. 203.) Se ele pode vir, a resposta é geralmente: *Sim*, ou *Estou aqui*, ou ainda: *Que quereis de mim?* Às vezes ele entra diretamente em matéria respondendo de antemão às perguntas que se lhe queria dirigir.”

“Surpreende, não raro, a prontidão com que um Espírito evocado se apresenta, mesmo da primeira vez. Dir-se-ia que estava prevenido. É, com efeito, o que se dá, quando com a sua evocação se preocupa de antemão

aquele que o evoca. Essa preocupação é uma espécie de evocação antecipada e, como temos sempre conosco os nossos Espíritos familiares, que se identificam com o nosso pensamento, eles preparam o caminho de tal sorte que, se nenhum obstáculo surge, o Espírito que desejamos chamar já se acha presente ao ser evocado. Quando assim não acontece, é o Espírito familiar do médium, ou o do interrogante, ou ainda um dos que costumam frequentar as reuniões que o vai buscar, para o que não precisa de muito tempo. Se o Espírito evocado não pode vir de pronto, o mensageiro (os Pagãos diriam *Mercúrio*) marca um prazo, às vezes de cinco minutos, um quarto de hora e até muitos dias. Logo que ele chega, diz: *Aqui estou*. Podem então começar a ser feitas as perguntas que se lhe quer dirigir.

O mensageiro nem sempre é um intermediário indispensável, porquanto o Espírito pode ouvir diretamente o chamado do evocador, conforme ficou dito em o n. 282, pergunta 5, sobre o modo de transmissão do pensamento.” (*Livro dos Médiuns* - Segunda parte - Das manifestações espíritas, cap. XXV - Das evocações - Considerações gerais, itens 270 e 271.)

Há ainda mais uma questão abordada por Kardec que vale lembrar aqui:

“Dar-se-á que o pensamento do evocador seja mais ou menos facilmente percebido, conforme as circunstâncias?

"Sem dúvida alguma. O Espírito é mais vivamente atingido, quando chamado por um sentimento de simpatia e de bondade. É como uma voz amiga que ele reconhece. A não se dar isso, acontece com frequência que a evocação *nenhum efeito produz*. O pensamento que se desprende da evocação toca o Espírito; se é mal dirigido, perde-se no vácuo. Dá-se com os Espíritos o que se dá com os homens; se aquele que os chama lhes é indiferente ou antipático, podem ouvi-lo, porém, as mais das vezes, não o atendem." (*Livro dos Médiuns* - Segunda parte - Das manifestações espíritas, cap. XXV - Das evocações - Questões sobre as evocações, item 282, 7^a.)

17. A evocação auxilia no desprendimento dos Espíritos e abrevia a perturbação que se segue à morte

“O Espiritismo, sem dúvida não é indispensável a este resultado; assim, ele não tem a pretensão de ser o único a assegurar a salvação da alma, mas ele a facilita pelos conhecimentos que proporciona, os sentimentos que inspira e as disposições nas quais coloca o Espírito, ao qual faz compreender a necessidade de se aperfeiçoar. Ele dá a cada um, além disso, os meios de facilitar o desprendimento *dos outros Espíritos* no momento em que eles deixam seu envoltório terrestre, e de abreviar a duração da perturbação pela prece e a evocação. Pela prece sincera, que é uma magnetização espiritual, provoca-se uma desagregação mais rápida do fluido perispiritual; por uma evocação conduzida com sabedoria e prudência, e por palavras de benevolência e de encorajamento, tira-se o Espírito do entorpecimento em que se encontra, e ele é ajudado a se reconhecer mais cedo; se ele é sofredor, é excitado ao arrependimento, único que pode abreviar os sofrimentos. (*O Céu e o Inferno* - Segunda Parte - Exemplos - Capítulo I - A passagem.)

18. Os benefícios das evocações para auxiliar o próximo que sofre

O Espírito de um suicida vem pedir auxílio

Um dos membros da família, que é bombeiro voluntário, certo dia passou a sentir uma forte dor no pescoço, como se uma corda o envolvesse e se apertasse cada vez mais. Isso era a tal ponto constrangedor, que com o passar dos dias ele não conseguia mais engolir o alimento.

Ocorreu então à família evocar um dos Guias e lhe perguntar sobre o que estava ocorrendo, já que não havia uma causa orgânica aparente para aquele efeito desagradável.

Logo após a prece um Espírito se comunicou, em desespero, pedindo que fossem falar para sua namorada que ela não era culpada pelo seu suicídio. Identificou-se como Jean C., e pediu urgência na providência solicitada. O Espírito do esposo da médium, falecido havia mais de dez anos, reiterou que era urgente que encontrassem a moça e lhe dessem o recado do ex-namorado.

O Dr. Demeure, evocado logo após esta comunicação, à pergunta que lhe foi feita se deveriam procurar a moça, respondeu: “O mais breve possível, pois se trata de uma situação muito delicada. A moça pode não resistir à pressão e precipitar-se no abismo. Deus, em sua infinita misericórdia, sempre nos dá os meios de auxiliar, e vós podeis ser o auxílio neste momento.”

No dia seguinte, dado que a médium ainda estava um pouco insegura se deveria procurar a jovem, evocou ela mesma seu esposo e lhe perguntou sobre o caso. Ele respondeu prontamente: “Não deixe que a sua insegurança seja maior que o desejo de auxiliar.”

O bombeiro lembrou-se então de que um moço havia se suicidado recentemente, mas não sabia seu nome, nem mesmo onde residia, pois os suicídios não são divulgados. Por todos os meios tentaram descobrir o nome do rapaz que se suicidara para ver se havia alguma coincidência com o que o Espírito tinha dito, mas em vão.

Cerca de uma semana se passara sem nenhuma resposta, quando o bombeiro, atendendo a uma ocorrência, encontrou o médico legista que havia atendido o caso. Perguntou-lhe sobre o moço que se suicidara e pediu-lhe o favor de verificar no prontuário de óbito o nome do rapaz. Para sua surpresa o nome do jovem era Jean C...

Foi um passo importante, mas que ainda deixava longe a solução, pois o endereço que constava no prontuário era da casa dos pais de Jean que, segundo informações de amigos e vizinhos, atribuíam à namorada a culpa pela morte do filho e presumivelmente não queriam saber dela. Todavia, a família que buscava auxiliar Jean não desistiu, e ao cabo de alguns dias descobriu que o nome da sua ex-namorada era Srta. A..., tinha de dezesseis

anos, mas não sabiam onde ela morava. Depois de tantas buscas infrutíferas, a filha da médium teve uma informação que levou mãe e filha à casa da Sra. A.

Era noite quando avistaram, num bairro afastado, uma casinha simples, e uma moça que chegava do colégio.

Bateram à porta e um senhor a abriu. Com um leve sorriso nos lábios perguntou em que poderia ajudá-las.

- “É aqui que mora a Srta. A.?”

- “Sim, respondeu o homem, ela é a minha filha.” Então entrou na sala uma moça de fisionomia abatida, com olheiras escuras e olhar triste.

- “Você é a Srta. A.?” Perguntou a médium.

- “Sim”, respondeu ela, com certa desconfiança.

- “Seu ex-namorado se chamava Jean?”

- “Chamava-se”, disse a moça, mais desconfiada ainda.

- “Nós somos espíritas, disse a médium, e chegamos até você porque fomos procurados pelo Espírito do seu ex-namorado. Ele nos pediu que lhe trouxéssemos um recado.”

A moça começou a chorar copiosamente, e entre lágrimas perguntou: “Que recado ele me mandou?”

- “Ele pediu para que você não se sinta culpada pelo suicídio dele, pois não teve culpa alguma nessa decisão, que foi unicamente dele.”

A jovem respirou mais aliviada, e ainda em lágrimas acrescentou:

- “Tenho sonhado todas as noites com vozes que me acusam da morte dele... Não aguento mais tanta pressão, pois a família dele também me julga culpada, porque alguns dias antes da sua morte eu havia terminado o namoro com ele... cheguei mesmo a pensar em acabar com minha vida, também.”

- “Então foi por isso que Jean nos pediu urgência em lhe trazer seu recado, falou a médium.”

O pai da moça, que até então observava calado, desabafou: “Graças a Deus vocês vieram trazer esse recado, pois eu estava muito preocupado com minha filha! Temo que ela faça a mesma bobagem que Jean.”

Após a primeira manifestação do Espírito de Jean C., nós o evocamos outras vezes, e ele nos disse que desde a infância ouvia vozes que o acusavam, e que sentia uma tristeza da qual desconhecia a causa. Após o ato fatal ele continuava ouvindo as mesmas vozes, que agora zombavam dele porque fora fraco, e que mais uma vez fora vencido...

Jean C. sofria de uma obsessão por vingança. Não soube identificar que a sua situação se devia a Espíritos que o atormentavam e sucumbiu ao desespero, pondo fim à vida física.

Durante as evocações, nas quais procurávamos lhe dar orientações seguindo os exemplos deixados por Allan Kardec em suas obras, ele conseguiu ouvir seu Anjo guardião e compreender que para afastar as vozes que ainda o atormentavam era preciso perdoar aos que as provocavam, orar por eles, pedir-lhes perdão e arrepender-se sinceramente pelas infrações cometidas contra as leis divinas.

Desde a sua primeira comunicação nós temosorado pelo Espírito de Jean C., e numa de suas últimas comunicações ele pediu perdão por ter causado incômodo ao jovem bombeiro e à família, dizendo, porém, que não tinha encontrado outro jeito de chamar a atenção para pedir socorro. Compreende-se que a sensação de aperto no pescoço do jovem bombeiro era provocada pelo sofrimento do Espírito que trazia ainda a sensação causada pelo enforcamento, e fora impressa em seu perísprito e sentida no corpo. No entanto, desde a primeira comunicação do Espírito, o jovem não mais teve a tal sensação.

Tinha razão o Sr. Allan Kardec, quando disse:

“A evocação dos Espíritos vulgares tem, além disso, a vantagem de nos pôr em contato com Espíritos sofredores, que podemos aliviar e cujo adiantamento podemos facilitar, por meio de bons conselhos. Todos, pois, nos podemos tornar úteis, ao mesmo tempo que nos instruimos. Há

egoísmo naquele que somente a sua própria satisfação procura nas manifestações dos Espíritos, e dá prova de orgulho aquele que deixa de estender a mão em socorro dos infelizes. De que lhe serve obter belas recomendações de Espíritos de escol, se isso não o faz melhor para consigo mesmo, nem mais caridoso e benévolo para com seus irmãos deste mundo e do outro? Que seria dos pobres doentes, se os médicos se recusassem a lhes tocar as chagas?” (*Livro dos Médiuns* - Segunda parte - Das manifestações espíritas, cap. XV - Das evocações - Utilidade das evocações particulares, item 281.)

Ficamos por longo tempo meditando sobre a sábia frase do falecido esposo da médium que hesitava em procurar a Srta. A..., para lhe dar o recado do Espírito.

“Não deixe que sua insegurança seja maior que o desejo de auxiliar.”

O medo, a insegurança, a falta de fé em Deus são grandes muralhas erguidas pelo orgulho e o egoísmo, e tantas vezes barram o nosso caminho na direção do bem, e permanecemos acomodados em nossa indiferença moral.

Lázaro, Espírito, falou desse vício ao dizer: “Cada época é marcada, assim, com o cunho da virtude ou do vício que a deve salvar ou a perder. A virtude da vossa geração é a atividade intelectual; seu vício é a indiferença moral.”¹³

Para Allan Kardec o problema da indiferença moral não passou despercebida. Perguntou aos Espíritos sobre essa questão, e obteve uma resposta que nos faz pensar sobre nossa posição neste mundo:

Livro dos Espíritos, item 932: Por que, no mundo, tão amiúde, a influência dos maus sobrepuja a dos bons?

¹³ *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. IX - Bem-aventurados os que são brandos e pacíficos - Instruções dos Espíritos - Obediência e resignação, item 8.

“Por fraqueza destes. Os maus são intrigantes e audaciosos, os bons são tímidos. Quando estes o quiserem, preponderarão.”

19. O grupo curador de Marmande: O Sr. Dombre

Numa de nossas sessões nós estudamos o texto intitulado “Cura da jovem obsedada em Marmande”, publicado na Revista Espírita de junho de 1864. Em seguida evocamos o Sr. Dombre, presidente do Grupo curador de Marmande (França), e membro honorário da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, e lhe perguntamos o que caracterizava o seu grupo, que tantas curas promoveu, merecendo elogios de Allan Kardec. Recebemos a seguinte comunicação:

“Éramos um grupo unido pela fé e a vontade de servir, e em nome de Deus os Espíritos faziam luz em nosso caminho. Diante dos benefícios que recebíamos da bendita claridade trazida pela nova ciência, nos sentíamos no dever de aliviar e esclarecer as almas sofredoras.

Os homens de ciência de hoje relutam em aceitar esse mundo invisível pulsante, com o qual convivemos e interagimos, influenciados e somos influenciados, retardando, dessa forma, a solução de muitos males que atingem a humanidade e são tratados somente como distúrbios psicológicos, depressão ou outras nomenclaturas. No entanto, àqueles que podem compreender os males oriundos das diversas formas de obsessão, cabe o dever de socorrer Espíritos e homens que sofrem pela falta do conhecimento e da vivência das leis de Deus. Assim como naquela época, hoje não faltarão Espíritos devotados ao bem para unirem-se a todos os que, com sinceridade e fé, empreenderem esforços para ajudar os sofredores.

Que Deus fortaleça as almas de boa vontade, e a boa nova possa espalhar-se envolvendo todos os corações. Com votos de progresso para o grupo,

Dombre.”

(Comunicação psicografada pela Sra. N. L, em 23/04/2012.)

20. Cura de uma obsessão

Perdoar os inimigos é pedir perdão a Deus

Havíamos iniciado um estudo sobre as obsessões, tema sobre o qual conhecíamos muito pouco, quase nada mesmo. Nossos Guias então propiciaram a comunicação de um Espírito de nome Maria no dia 30 de julho de 2009. Maria era um Espírito que buscava se vingar de seu ex-marido, que ainda estava encarnado. Pela experiência que havíamos trazido dos anos em que participávamos das reuniões mediúnicas tradicionais nos centros espíritas, após algumas palavras, alguns chavões, “encaminhamos” o Espírito que, segundo nossa pretenciosa ignorância, daquele momento em diante iria ser “levado”, mesmo contra sua vontade, pelos chamados “Benfeitores”. Sequer nos ocorreu orar por aquele Espírito que sofria. No dia seguinte evocamos o Anjo guardião de um dos participantes do grupo que desejava conselhos, e ele iniciou sua comunicação dizendo-nos o seguinte:

“Só o amor é capaz de romper as barreiras que o engano pôs em seus caminhos.

Quando unimos os nossos corações com sentimento sincero de auxílio ao próximo, movemos as forças desses sentimentos de amor e bondade e lhes damos a boa direção. À medida que compreenderem bem os efeitos desses sentimentos, estenderão esse auxílio de forma mais eficaz àqueles que cruzam os seus caminhos em condições difíceis. Somente o bom senso e a compreensão das leis de Deus podem bem nortear suas ações, para que não venham a incorrer em erro e passem a alimentar sentimentos ingênuos a respeito dessas mesmas leis. Por isso é essencial a confiança nos bons Espíritos e a certeza de que ninguém atravessa dificuldades sozinho.

Quando evocarem esses Espíritos que ainda transitam no erro, vocês devem colocar o sentimento de benevolência acima de tudo, sem esquecer das razões que os levam a agir dessa maneira; é preciso uma continuidade

no propósito de auxílio para que aquele que lhes dá ouvidos não caia no esquecimento, ou continue mantendo maus sentimentos.”

P. Devemos então evocar algumas vezes o Espírito que se manifestou ontem, para acompanhá-lo, ou só as preces bastam? R. - Devem orar e consultar os Espíritos que dirigem as suas reuniões, e também o Anjo guardião daquele Espírito para que os oriente.

Os conselhos desse Espírito superior nos tocaram de certa maneira a razão e o coração, e então passamos a orar pelo Espírito e a evocá-lo, com o intuito de o moralizar, conforme orienta Kardec na *Revista Espírita* – pois fomos ler com atenção o que o Espiritismo recomenda em casos como esse. Seguimos as orientação do Anjo guardião, que teve misericórdia da nossa ignorância e nos esclareceu sobre o que fazer. Daquele dia em diante passamos a evocar sempre os Anjos guardiães e demais Guias para orientar nossos trabalhos e nos esclarecer nos estudos.

Os diálogos com esse Espírito foram muitos e, graças aos bons Espíritos que nos assistiam sempre, ao cabo de umas quinze sessões nas quais buscávamos tocar-lhe a razão e o sentimento, ele mudou de ideia e não mais buscava vingança.

No entanto, cessar a vingança é uma coisa, perdoar é mais difícil; Maria precisava ainda das nossas preces e nos pediu que orássemos também por aquele a quem ela agora desejava sinceramente perdoar.

Quanto se pode aprender com a prática da Ciência Espírita! Quantas lições vivas para estudar! Quantas oportunidades de nos instruímos enquanto prestamos um serviço! Quantas bênçãos por podermos ser úteis aos bons Espíritos, enquanto aprendemos a amar com eles, que verdadeiramente nos amam!

Segundo nossos Guias, eles provocaram a comunicação do Espírito de Maria para nos exercitar na prática da caridade desinteressada e para que nossos estudos sobre as obsessões tivessem um resultado mais positivo, ensejando-nos o estudo prático de um caso.

Vale lembrar que as evocações do Espírito, enquanto ainda não havia se arrependido, foram feitas na reunião familiar por sugestão dos nossos Guias. Depois, quando Maria já havia desistido da vingança, nós a evocamos no GEAK, o grupo maior, para que ela nos ajudasse a compreender melhor os mecanismos utilizados pelos maus Espíritos para nos influenciar, já que ela conhecia bem essas estratégias.

Eis algumas passagens dos nossos diálogos com Maria:

Evocação.

- Estou aqui.

P. Pode nos dizer seu nome? R. - Maria.

P. Está mais feliz? R. - Sim, sinto-me bem melhor.

P. Poderia fazer um resumo da sua chegada ao nosso grupo, já que há pessoas aqui que ainda não conhecem essa história? R. - Eu vim a este grupo por um motivo pelo qual agora me envergonho, porque as minhas intenções não eram boas. Apesar disso, eu tenho que agradecer esta oportunidade, pois tenho aprendido muitas coisas boas. O meu objetivo, quando eu estava como que num ‘sono perturbador’, era de infelicitar a quem fosse necessário, principalmente alguns do grupo ligados a mim.¹⁴ Como eu tinha me comprometido com alguns Espíritos, que hoje desejam que o grupo de vocês não vá para frente, eu estava por perto causando dificuldades, era como uma troca de “serviços”.¹⁵

P. Para nossa instrução, poderia nos dizer quais eram as portas abertas que lhe mais davam acesso à nossa intimidade?

¹⁴ Um membro do nosso grupo era parente do homem de quem o Espírito desejava vingar-se.

¹⁵ Ao desencarnar, Maria se ligou a alguns Espíritos que a ajudariam a vingar-se de seu ex-marido, e em troca deveria prestar “serviços” a eles, vinculando-se a membros do nosso Grupo com o objetivo de nos prejudicar.

R. - Sim. Eu sempre tive facilidade, e agora reconheço isso com mais lucidez, para influenciar as pessoas com meu pensamento.¹⁶

Quando morri, mesmo sem perceber, eu podia e fazia isso: me aproximava de quem eu queria influenciar e vibrava um mau sentimento... e aí era fácil, porque vocês sempre têm alguma porta aberta, como o ciúme, a inveja, a raiva... A raiva é muito boa quando se quer causar um tumulto geral, pois é só fazer essa chama crescer mais e mais...

P. Você chegou a se comunicar em nosso grupo com um nome falso?

- Não. Estava junto com vocês em casa. Estava junto com vocês.

Observação: Esta resposta do Espírito confirma o que a Ciência Espírita nos ensina a respeito da influência dos Espíritos. Não sabíamos da existência desse Espírito, no entanto, as nossas imperfeições morais o atraíram para junto de nós, e foi graças à mediunidade e às evocações que o descobrimos e pudemos ajudá-lo, e ajudar a nós mesmos. Eis mais um benefício do Espiritismo prático.

Nossos diálogos com esse Espírito se estenderam ainda por algum tempo, e foram muito proveitosos para nossa instrução e para ajudá-lo a persistir nas boas resoluções que havia tomado, pois sempre fazíamos em seu favor a prece pelos Espíritos arrependidos, que consta em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XXVIII.

¹⁶ De fato um dos nossos Guias nos disse, quando começamos a evocar Maria, que ela era muito habilidosa na arte do Magnetismo.

21. Instruções que recebemos dos Anjos guardiões e demais Guias

Para admitir-nos ao banquete da suprema felicidade, Deus não pergunta o que sabemos nem o que possuímos, mas o que valem e o bem que fizemos. É, pois, no seu melhoramento individual que todo espírita sincero deve trabalhar, antes de tudo. Só aquele que dominou suas más inclinações realmente tirou proveito do Espiritismo e receberá a sua recompensa. É por isto que os bons Espíritos, por ordem de Deus, multiplicam suas instruções e as repetem à saciedade; só um orgulho insensato pode dizer: Não preciso de mais nada. Só Deus sabe quando elas serão inúteis e só a ele cabe dirigir o ensino de seus mensageiros e de adequá-lo ao nosso adiantamento. Allan Kardec¹⁷

Como somos um grupo formado por pessoas ainda muito imperfeitas, precisamos de instruções e conselhos dos Espíritos que verdadeiramente nos amam e desejam o nosso progresso. Vamos inserir aqui algumas comunicações que temos recebido ao longo do tempo, pedindo a todos os que tiverem a bondade de ler este singelo opúsculo que orem por nós, rogando a Deus que nos dê forças para colocar em prática os conselhos dos bons Espíritos a fim de que realizemos a nossa transformação moral tão necessária.

Tomar a charrua

“Os vossos interesses por vezes vos levam por roteiros que não gostaríeis mais de repetir, pelos sofrimentos que já vos causaram. Quando

¹⁷ Revista Espírita, agosto de 1865 - O que ensina o Espiritismo.

parais para ouvir a voz dos Espíritos do Senhor, que alimentam somente o desejo do bem, podereis ouvir os conselhos que sejam os mais sensatos para o vosso equilíbrio, conselhos que vos conduzirão por uma via mais segura.

Espíritos milenares, trazeis a marca de desânimo que tanto vos fez sofrer, conduzindo-vos por caminhos nos quais os prazeres do corpo tiveram peso maior.

Hoje, num tempo de mais esclarecimento em que vos propondes ao amadurecimento da razão, ao equilíbrio das ações, a um caminhar mais seguro na direção do progresso moral, não deveis vos deter a contemplar fogos fátuos, que brilham por instantes, mas logo desaparecem deixando o vazio, como um castelo de areia que se desfaz com a onda.

Hoje o vosso compromisso é com a vida, a verdadeira vida que o tempo não destrói, a vida de quem busca a felicidade duradoura construída com esforço, devotamento, abnegação. Já vos fartastes outrora com os prazeres do mundo, que deixaram somente o sabor amargo do dever não cumprido. Hoje a vida renova as oportunidades para refazerdes o caminho. Parai para ouvir os anjos de Deus que desejam vos conduzir pela mão, crianças que ainda sois a apreciar bolhas de sabão coloridas que logo evaporarão...

Despertai, filhos! Essa é a vossa hora de tomar da charrua para construirdes a vossa felicidade, levando convosco aqueles que vos observam e contam com as vossas boas decisões!”

Santo Agostinho.

(Comunicação psicografada pela Sra. N. L, em 12/06/2011.)

Sobre o preconceito da rotina

No cap. XIX, item 2, de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, lemos: “As montanhas que a fé desloca são as dificuldades, as resistências, a má vontade, em suma, com que se depara da parte dos homens, ainda quando se trate das melhores coisas. Os preconceitos da rotina, o interesse material, o egoísmo, a cegueira do fanatismo e as paixões orgulhosas são outras tantas montanhas que barram o caminho a quem trabalha pelo progresso da Humanidade.” (...)

Fizemos aos nossos Guias a seguinte pergunta:

- Quais são, com relação ao nosso grupo, os preconceitos da rotina mais graves, e como vencê-los?

Obtivemos a seguinte resposta:

“Os elementos ancestrais mantidos pelo indivíduo trabalham como lentes que lhe alteram a visão da realidade. Durante muito tempo são conservadas ideias a respeito da forma como se deve encarar as questões da realidade espiritual. Dogmas religiosos incrustados, adormecidos, ganham vida quando o assunto estudado tem alguma relação com eles. A questão da fé em Deus é um desses assuntos que durante séculos foi encarado como algo que deveria ter sempre uma ponte, um intermediário para assegurá-la. Julgar com a razão é algo novo para vós; estabelecer a razão em fatos é exercício que começastes há pouco tempo.

As lentes distorcidas pelos preconceitos se apresentam a todo o instante e, se não são percebidas, continua-se a interpretar as coisas de forma equivocada. A razão diz que é preciso dispensar os intermediários; não mais a fuga pelo que poderíamos chamar de ‘terceirização’ do entendimento; a hora é de raciocínio, de análise, de auto-avaliação.

Surgirão momentos em que vossos atos não estarão concordes com a vossa fé, e esse é o momento em que devereis prestar mais atenção nos preconceitos e eliminá-los.

Dentre os vossos maiores preconceitos sobre a fé está a distância a que vos colocais do Criador e a dependência de um intermediário, quando Deus está bem próximo de vós. O que o Espiritismo vem propor é uma nova visão a respeito da fé. É preciso vos acostumardes com esses conceitos, aprofundá-los e compreendê-los.

A necessidade do saber, em vosso grupo, é característica marcante; por isso, seguir esse roteiro que é o Espiritismo é aumentar a vossa fé. O saber só pelo saber significa continuar alimentando os preconceitos; portanto, estabelecer coerência entre o saber e a prática é o chamamento principal neste momento. Viver sem coerência é viver a fé vacilante; viver e estabelecer objetivos bem definidos do que se deseja alcançar é ter fé e segui-la.

Esclarecer-se é modificar as lentes com as quais se aprecia a vida. Os meios mais eficazes o próprio Espiritismo aponta a cada momento, chamando o estudante à observação, observação no dia-a-dia e atenção redobrada para com todos os atos e pensamentos, pois as ações são decorrentes dos pensamentos.”

Um Anjo Guardião.

(Comunicação psicografada pelo médium R. A., reunião familiar em
11/06/2009.)

Escolher o bem é dever de agora

“O homem, no mundo de hoje, atribui a sua vida repleta de ocupações e correrias ao modo de vida em que está mergulhado. Ele justifica o aumento da violência e das injustiças ao modo de vida que a sociedade lhe oferece. Atribui seu pouco tempo para tudo: para o diálogo instrutivo, para as boas leituras, a tudo o que a vida material o impele. Foi a esse homem, que vem se desenvolvendo em tecnologias, em ciências, mas que permanece com os mesmos dilemas morais, que Ele veio.

Jesus trouxe sua mensagem a esses mesmos homens que, hoje modernos, continuam a não compreender Seus ensinamentos; e agora, pelo

Espiritismo que resgata as ideias libertadoras de Jesus, convida-vos a revê-las e vos chama à vivência; já não há mais justificativas, escolher o bem é dever de agora.

Qual é o verdadeiro tesouro que vos elevará? Qual é o caminho que vos conduzirá a Ele, que foi o primeiro caminhante? É o Cristo, que outra vez se vos revela e vos chama. Mas, como antes, hoje novamente as escolhas são vossas.

Segui essa estrada, felizes, pois Ele vos aguarda e pede ao Pai que tenha misericórdia de vossa fragilidade.”

Espírito Protetor

(Comunicação psicografada pelo médium Sr. R. A., em 10/12/2010.)

Ser livre e feliz: eis o vosso destino.

“Crede em Deus, meus amigos, crede que sois merecedores da felicidade de que vos falam os Espíritos. Lembrai-vos sempre que Deus quer o vosso bem, e sabereis então que qualquer rota que seguides, onde o sentimento do bem não imperar, afastados de Deus estareis.

Cabe-vos perguntar em toda situação: o que Deus quer de mim? Vosso olhar, acostumado com a satisfação do orgulho e alimentado pelo egoísmo poderá não vos mostrar a melhor saída, e um juízo peculiar de si pode substituir o desejo de melhorar-se.

Rogai então aos vossos Anjos para clarear vossa visão, para que vos mostrem o caminho do bem. Mas lembrai-vos sempre que vossos anjos não andam por vós, pois não haveria mérito nem aprendizado se assim fosse. Os anjos vos inspiram, mas essa inspiração há de se transformar em vosso desejo mais forte, para que possais vós mesmos dizer: cumpro a vontade de Deus.

Por último, digo-vos para que não vos angustieis com o tempo futuro, pois a virtude não pode advir da angústia. Vosso progresso precisa do dia

de hoje, precisa de cada resolução vossa no bem, para que, somadas, venham a vos caracterizar. Mais do que a preocupação em serdes puros Espíritos, que é vosso destino final, sede hoje Espíritos que não desistem de ser melhores. Confiem em Deus, os anjos vos assistem.”

Santo Agostinho

(Comunicação psicografada pelo médium Sr. C. M., em 23/04/2013.)

Neste dia lemos e comentamos o artigo de Kardec, publicado na Revista Espírita de outubro de 1861, intitulado “O Espiritismo em Lyon”.

Após os comentários evocamos o nosso mestre Allan Kardec e também os operários a que ele se refere no artigo, para nos trazerem conselhos e encorajamento para que possamos subir a árdua montanha do bem, rumo ao nosso Criador. Solicitamos também ao nosso Mestre que nos indicasse a melhor divulgação que o nosso grupo poderia fazer do Espiritismo. Recebemos as seguintes comunicações:

“A todos os seguidores do Espiritismo que guardam no coração o desejo sincero de seguir os postulados dessa Doutrina, dizemos: o exemplo é a melhor forma de divulgação, por não ter argumentos, quem a contesta, contra a transformação moral que produz em seus seguidores.

A caridade deve ser o exercício do que já foi compreendido, demonstrando o nascimento do amor e a diminuição do egoísmo nas almas sinceras que passam a ver no próximo o irmão de caminhada.

A vigilância é necessária, num tempo em que os atrativos são muitos para se viver na Terra como se dela jamais se fosse sair.

A simplicidade é como um escudo protetor, impedindo as almas de dar asas à vaidade e ao orgulho que abafam as virtudes nascentes.

O olhar para além desta vida permite ao homem ter maior lucidez em suas ações, em seus desejos, para dedicar mais tempo às conquistas do Espírito imortal, ampliando sua visão para além dessa efêmera passagem que é a vida no corpo. Essa breve passagem deve engrandecer a alma,

libertando-a dos vícios que há tempos a impedem de seguir as marcas deixadas pelos exemplos do mestre Jesus. O Espiritismo abre as portas do além-túmulo possibilitando-vos o convívio com almas felizes, que vêm vos falar da alegria de quem já conquistou a felicidade real. Libertai-vos das amarras que vos detêm, como testemunho prestado à Doutrina que abraçais: este é o desejo dos que velam pela humanidade!”

Allan Kardec

(Comunicação psicografada pela Sra. N. L, em 15/11/2011.)

“O calor de nossos corações suplantava a temperatura ambiente.¹⁸ Os corpos cansados transpiravam as esperanças das almas, e a voz do Professor amenizava toda e qualquer dificuldade ao nos falar as verdades, essencial alimento para o Espírito que suplica por respostas e consolação.

Não, amigos, não houve sacrifícios, mas sim glória e alegria que se eternizou em nós, os que o acompanhavam e acompanham desde então. Ao Mestre queríamos oferecer o nosso melhor, e dele recebíamos o melhor da vida: a verdade que liberta a alma e a dignifica. Já não mais buscávamos dignidade para o corpo, mas para o Espírito que, antes descrente, pouco valor dava à vida. A subida era longa, e ainda o é, mas continuamos com ele, nosso Mestre, a nos conclamar a alcançar o topo.”

Obrigado professor Allan Kardec!

Operários de Lyon.

(Comunicação psicografada pela Sra. J. S, em 15/11/2011.)

¹⁸ A leitura do texto que estudamos nesse dia. “O Espiritismo em Lyon”, dará uma melhor compreensão dessa e demais comunicações agora transcritas.

“Caros amigos,

É com alegria que ouvimos suas palavras cheias de sinceridade e de boa vontade.

Procurem focar nas questões morais que são as que exigem mais de cada um. Os esforços trarão resultados que vocês poderão sentir no dia a dia, na calma para a tomada de decisões; na compreensão para com as imperfeições dos que convivem convosco; na irritabilidade que vai diminuindo.

Tudo isso os tornará mais felizes, mais confiantes, porque perceberão na prática que os pequenos esforços, tendo a impulsioná-los os nossos incentivos, os tornará melhores. Não é tão difícil, se conseguirem perceber quando tudo vai sair do controle e frearem os maus pendores, não deixando que tomem grandes proporções. É possível, e nós os ajudaremos, estejam certos!

Os estudos pedem a vivência, caso contrário é semente boa que apodrece no alforje. Já possuem a semente, plantem-na.

Allan Kardec regozija-se com os corações sinceros. Seu maior legado não foi deixado apenas por palavras, mas pelos exemplos que deu, pois por onde ele passava sua presença era marcante pelos sentimentos que emanava, pelo amor que distribuía. As palavras são vazias e não produzem um bom efeito se não são sentidas e vividas na prática. Vivam, meus queridos, vivam o Espiritismo!

São os conselhos de alguém feliz por já compreender melhor as palavras do mestre Allan Kardec. Com carinho,”

Um amigo do grupo.

(Comunicação psicografada pela Sra. F. F, em 15/11/2011.)

Nesta sessão estudamos o texto “História de um criado”, publicado em *O Céu e o Inferno - Segunda Parte – Exemplos*, cap. VIII - Expiações

terrestres. Chamou-nos a atenção a passagem, aqui reproduzida, que fala do aproveitamento da emancipação pelo sono para fortalecer a alma nos seus bons propósitos.

P. - Como pudestes aproveitar essa prova, uma vez que não tínheis lembrança da causa que a havia motivado? - R. “Na minha humilde posição ainda me restava um instinto de orgulho que fui bastante feliz para dominar, o que fez com que a prova me fosse proveitosa, sem o que eu ainda a teria que recomeçar. Meu Espírito se lembrava, em seus momentos de liberdade, e daí me restava, ao despertar, um desejo intuitivo de resistir a minhas tendências que eu sabia serem más. Tive mais mérito lutando assim, do que se tivesse lembrado claramente do passado. A lembrança de minha antiga posição teria exaltado meu orgulho e me teria perturbado, ao passo que tive que combater apenas os arrebatamentos de minha nova posição.”

Evocamos nossos Guias e fizemos a seguinte pergunta:

- Como podemos aproveitar melhor os momentos de emancipação pelo sono, em benefício de nossa educação moral?

“O Reino dos Céus é inacessível ao egoísta, já que ele busca apenas a satisfação dos próprios desejos e, não vendo alegria no que não lhe toca os sentidos, não encontrará a paz que a ação desinteressada propicia. Porém, perguntam-nos como em um mundo que parece a cada instante vos convidar aos gozos da matéria, e que tornou este gozo sinônimo de felicidade, se poderia almejar o Reino dos Céus? Deus não seria um Pai bom se vos abandonasse entregues às vossas próprias paixões. Cada um de vós tendes no sono um período em que podeis vos esclarecer e encontrar forças para resistir aos apelos dos maus pendores, se assim o quiserdes.

Os anjos aproveitam o momento em que vossos Espíritos estão mais livres para vos lembrar do vosso verdadeiro objetivo, que é o aperfeiçoamento moral. Atentai e vereis que a maioria das vezes em que sois invadidos por uma inesperada alegria, e que a vida vos parece um grande presente de Deus, isso acontece ao acordardes.

Aproveitai então para, antes de dormir, pedir aos Anjos que vos aconselhem e vos mostrem a felicidade que os prazeres desse mundo não vos podem oferecer. Lembrai-vos que Deus sempre atende ao apelo sincero daquele que quer realmente se melhorar.”

Fénelon.

(Comunicação psicografada pelo médium Sr. C. M., em 16/07/2013.)

22. Sessão comemorativa dos mortos

Em 2009, no dia anterior à nossa Sessão Comemorativa dos Mortos, que fazemos todos os anos seguindo o exemplo da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, nós estudamos o XXVII capítulo *Pedi e obtereis*, de *O Evangelho segundo o Espiritismo*. Após nossas reflexões paramos para ouvir nossos Guias e recebemos a seguinte comunicação espontânea:

“Se pudésseis ver, meus amigos, o espetáculo que é uma alma orar ao Criador!

A beleza de suas potencialidades traduzindo-se num preito que, como um raio em noite escura e borrascosa entrecortasse o céu dissipando as trevas e alcançando as alturas, buscando a presença do seu Anjo guardião, de Deus.

Não imagineis que isso ocorra apenas quando se preparam frases petitorias, que também são ouvidas quando sinceras, quando puras, mas ocorrem também com almas não afeitas à religião, que olham a natureza, a beleza da vida, que sentem pulsar em seu íntimo o amor por alguém; na luta diária contra sua inferioridade, na vitória contra si mesmo, no nascer do homem novo, saído da morte aparente, aí também há uma prece, e os Espíritos sempre ouvem, sempre acodem, pois esta é a determinação divina.

Aprendi a orar com Ele nas primeiras horas, pequeno que era, e pude ali perceber que a vida era a do Espírito. Ele voltava muitas vezes e nossa

fé crescia, mesmo nas dificuldades. Aquela foi a mais bela época deste orbe, e eu tive a honra de vivê-la.

Voltei outras vezes à Terra, até que dela não precisei mais. No entanto, sempre que posso, dentro de minhas ocupações, e por causa daqueles por quem ainda velo e se encontram aqui, volto, como hoje, nos preparativos para uma festa em comemoração dos vivos, que jamais morrem.”

Pergunta: - Quem nos dá a honra? R. – “Chamam-me Marcos.”

P. - Então você conviveu com o Mestre?

R. – “O Cristo é alma que nós amamos e tentamos secundar. Voltamos para que no século XIX Ele retornasse com Seu discípulo primeiro, e nós outros seguindo a caravana...

Esquecidos nas tumbas por 1800 anos, e então vivos novamente...

Mais 150 anos de esquecimento, e agora, vivos novamente...

Seus corações rejubilam pela luz que esperam receber, mas digo-lhes, meus amigos: rejubilem-se quando puderem fazer luz. Vivam! Pratiquem o recolhimento, busquem seus Anjos, amem, em uma palavra.

Nem sempre o caminho será fácil, mas já possuem as ferramentas para caminhar. Caminhem pois, à frente, erguendo a fronte aos céus, e as almas dos que avançaram voltarão e vos guiarão, sem temores.

Deixo-lhes meu abraço, meu carinho.

Contem comigo e com todos os que aqui estão. Até breve!”

(Comunicação por psicofonia, pelo médium Sr. R. S., em 31/10/2009.)

Durante essa Sessão Comemorativa dos Mortos, após termos lido a prece pelos inimigos do Espiritismo, que consta no cap. XXVIII de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, um Espírito comunicou-se espontaneamente pela mediunidade falante, e tivemos com ele o seguinte diálogo:

- Meus amigos, hoje me é permitido vir falar-vos para aliviar um pouco a minha alma.”

1. Quem nos fala? R. – Alguém arrependido, arrependido por ter caluniado, perseguido, violado as leis de Deus, por orgulho. Quanto persegui, em nome do orgulho, atacando essa doutrina santa... Ah, Deus! E vocês oram, e esses Espíritos oram para que eu tenha sossego.

2. Já se comunicou em nosso grupo alguma vez? R. - Não.

3. Gostaria de dizer o seu nome para que possamos orar por você mais diretamente? R. - Sim. Jonas.

4. Esteve com o Mestre no século XIX? R. - Estive. Perseguiu-o e também àqueles que eram seus adeptos. Não compreendia, estava cego, orgulhoso. Usei o que mais tinha de melhor: a habilidade, o raciocínio, a inteligência... E depois que deixei a carne continuei cruel, perseguindo aqueles que ficaram, confundindo-os. Aí então pude dar-me conta do erro, do engano.

5. - E o que fez você mudar de ideia? R. - Alguém que eu tanto estimo, que amo, foi recebida no seio de uma família espírita. Eu não aceitava, mas quando percebi quanto amor, quanto desvelo, e o quanto essas ideias preenchiam seu coração, então compreendi... Meu Deus, eu estava errado! Então passei a amargar cada dia o arrependimento, e hoje, que tenho essa permissão, venho pedir-lhes que orem por mim. E se Deus me permitir, amigos, trabalharei por essa causa, e, quando me livrar dessa dor, pedirei a Deus permita que eu leve adiante essas ideias.

6. Então já compreende que o objetivo de nosso Pai não é o sofrimento, mas a reparação e a felicidade. R. - Creio que sim. Preciso libertar-me desse arrependimento, da culpa, mas sei que logo tudo estará melhor. Agradeço pela oportunidade e despeço-me.

8. Que Deus o abençoe, Jonas. Oraremos por você.

Em seguida o mesmo médium escreveu o seguinte ditado espontâneo:

“Se essa alma hoje expressa seus sofrimentos, vertendo lágrimas de dor, é porque o arrependimento instala-se em seu íntimo, e Deus quer o arrependimento porque ele conduz a outro caminho.

A dor que vos toca profundamente é instrumento tantas vezes escolhido por vós mesmos, para o vosso crescimento, que se dá quando vos desgostais das deformidades estimulados pela dor que estas causam. Por hora, a dor é o agulhão que coloca essa alma no rumo certo, na direção de Deus, e amanhã, mais consciente, usará o caminho do amor que é leve e suave. Essa alma que hoje chora, agora vê, e seu novo olhar a tornará forte para as lutas, e a felicidade surgirá em seu caminho. Que vossas orações alcancem e lhe deem forças renovadas.”

Anjo Guardião (do Espírito Jonas)

(Comunicação psicografada pelo médium Sr. R. A., em 01/11/11)

Temos orado por esse Espírito desde aquele dia. Numa outra oportunidade o evocamos para saber se estava mais feliz, e se consentia em responder algumas perguntas, para nossa instrução, o que ele aceitou de bom grado. Fizemos com ele várias entrevistas que foram bastante esclarecedoras sobre o modo como agem os inimigos do Espiritismo para desviar do bom caminho os espíritas. Mais tarde, quando o Espírito já estava mais aliviado, evocamo-lo novamente e lhe perguntamos se gostaria de escrever uma dissertação sobre algum tema que julgasse útil para nossa instrução, já que fora escritor na existência passada, e ele aceitou. Na sessão seguinte nós o evocamos e ele ditou o seguinte:

“Uma das maiores dificuldades que observo no homem é a de exercer o perdão. O orgulho, pai dos vícios, coloca sobre seus olhos uma barreira que o impede de ver além do pequeno território que criou ao seu redor, e onde se mantém durante sua existência. Esse território, cercado pela muralha construída nas bases do orgulho, faz parecer aos seus olhos que tudo o que ali se passa seja a expressão da verdade, ou a única realidade. Quando o seu território é invadido sente-se ameaçado em seu mundo,

humilhado até, e porque não compreende, não perdoa. É preciso que muitos eventos se deem, abalando essa estrutura, fazendo com que a alma enxergue além dessas estreitas muralhas.

Quando deixa seu casulo, e percebe que seu território murado pelo orgulho agora não existe mais, se desespera; é quando o homem, que não treinou o perdão, tem dificuldades para utilizá-lo em seu favor, aplicando a si próprio o auto-perdão. É preciso, então, um grande esforço, ao qual precede o desejo de libertar-se do sofrimento; é então que o Espírito sofrido, porém mais refletido, faz o primeiro movimento, que é o movimento do arrependimento; arrependido, passa em revista todas as suas dores e também suas alegrias e concede, neste estágio, o perdão a si mesmo.

Agora ele deseja recomeçar, pois percebe que aqueles a quem prejudicou, mais adiantados que ele em moralidade, já o haviam perdoado desde o início, quando ele ainda não tinha consciência nem de si mesmo.

Esses Anjos bons nos fitam e nos incentivam, porque um novo ser deve nascer a partir do arrependimento, do auto-perdão, e da reparação inevitável, da qual não se foge, mas através da qual se pode vislumbrar o amor de Deus.”

Jonas

(Comunicação psicografada pelo Sr. R. A., em 29/05/2012)

23. Sobre os Espíritos sofredores que vêm pedir socorro

Um fato que ocorre com certa frequência nos grupos familiares que iniciam as reuniões para estudar com os Espíritos é apresentarem-se Espíritos sofredores pedindo auxílio. Com o nosso grupo familiar não foi diferente.

Todavia, lendo com atenção os critérios que Allan Kardec adotou com relação às evocações dos Espíritos que ele publicou na segunda parte de *O Céu e o Inferno*, em “Exemplos”, percebemos que a questão da

autenticidade e da *identidade* dos Espíritos que se comunicam são de extrema importância, se não se quiser ser joguete de Espíritos oportunistas e brincalhões. Vejamos a observação que Kardec faz a esse respeito:

“Os exemplos que vamos citar apresentam os Espíritos nas diferentes fases de bem-aventurança e de desgraça da vida espiritual. *Não fomos buscá-los nos personagens mais ou menos ilustres da antiguidade, cuja posição pôde mudar consideravelmente desde a existência que conhecemos deles, e que não ofereceriam, aliás, provas suficientes de autenticidade.* Nós os extraímos das circunstâncias mais corriqueiras da vida contemporânea, porque são aquelas em que cada um pode encontrar mais semelhanças, e das quais se podem tirar as instruções mais proveitosas pela comparação. *Quanto mais a existência terrestre dos Espíritos se aproxima de nós, pela posição social, as relações ou os laços de parentesco, mais eles nos interessam, e mais fácil é controlar a identidade deles.* (Grifos nossos). As posições comuns são as da maioria, é por isso que cada um pode fazer mais facilmente a aplicação delas; as posições excepcionais tocam menos, porque saem da esfera de nossos hábitos. Não são portanto as celebridades que nós buscamos; se, nestes exemplos, se acham algumas individualidades conhecidas, a maioria é completamente obscura; nomes retumbantes não teriam acrescentado nada à instrução e poderiam ter ferido susceptibilidades. Não nos dirigimos nem aos curiosos nem aos apreciadores de escândalo, mas àqueles que querem seriamente instruir-se.

Estes exemplos poderiam multiplicar-se ao infinito; mas, forçado a limitar seu número, escolhemos aqueles que podiam lançar mais luz sobre o estado do mundo espiritual, quer pela posição do Espírito, quer pelas explicações que ele era capaz de dar. A maioria deles é inédita; somente alguns já foram publicados na *Revista Espírita*; suprimimos destes os detalhes supérfluos, não conservando senão as partes essenciais à finalidade que nos propomos aqui, e acrescentamos-lhes as instruções complementares que ocasionaram ulteriormente.” (*O Céu e o Inferno - Segunda Parte - Exemplos - Capítulo I - A passagem.*)

Repetimos que essa questão da autenticidade da comunicação nesses casos é de suma importância, pois fácil é de se deixar levar pela tentação de ouvir o primeiro Espírito que chega dizendo-se sofredor. Tivemos a oportunidade de conversar com um desses Espíritos desocupados, que em nosso grupo tentou se passar por alguém que buscava auxílio, mas que só buscava se divertir. Quando o questionamos com firmeza ele nos disse: “Eu gosto de me comunicar nas reuniões espíritas... às vezes me comunico várias vezes no mesmo centro com nomes diferentes; algumas vezes na mesma sessão, outras vezes vou de centro em centro, porque isso me diverte.”

Perguntamos, então, como agia para enganar seus interlocutores e o Espírito disse: “Ora eu digo que me suicidei, ora finjo que não sei o que está acontecendo comigo, que sofro, etc. Então as pessoas me dizem umas baboseiras e me mandam ‘deitar na maca’ ou mandam que siga os ‘Espíritos de roupa branca, os benfeitores’... Quando me canso, digo que vou deitar na maca, mas não há maca alguma, ou vou seguir os chamados benfeitores, e não vejo nenhum, então me vou, ou volto fingindo ser outro Espírito.”

Vê-se que no mundo dos Espíritos também há atores, brincalhões sem escrúpulos, que não hesitam em ocupar o tempo daqueles que, de maneira ingênua, pensam lidar com Espíritos sérios.

Kardec não deixa de nos esclarecer e nos alertar sobre essas questões, basta que leiamos seus escritos com atenção e os levemos a sério.

24. O Medo: um dos piores inimigos que precisamos vencer

A fraqueza, a indiferença ou o orgulho do homem são exclusivamente o que empresta força aos maus Espíritos, cujo poder todo advém do fato de lhes não opordes resistência.¹⁹

¹⁹ Livro dos Espíritos, item 498.

O medo é uma das paixões mais difíceis de combater, por ser ele que mina a coragem que deveria enfrentá-lo. Habilmente utilizado como instrumento de dominação em todas as épocas da Humanidade, ainda hoje detém o passo de muita gente. O Espiritismo prático enfrenta os efeitos que o medo produz nas mentes dos adeptos que temem dialogar com os Espíritos, de maneira natural, na intimidade do lar. No século XIX houve quem pretendesse proibir as práticas espíritas, alegando os perigos que poderia resultar da comunicação com os mortos. Kardec, refutando o argumento do perigo, fez as seguintes considerações:

“Não sendo os Espíritos mais do que as almas dos homens e não sendo estes perfeitos, o que se segue é que há Espíritos igualmente imperfeitos, cujos caracteres se refletem nas suas comunicações. É fato incontestável haver entre eles, maus, astuciosos, profundamente hipócritas, contra os quais preciso se faz que estejamos em guarda. Mas, porque se encontram no mundo homens perversos, é isto motivo para nos afastarmos de toda a sociedade? Deus nos outorgou a razão e o discernimento para apreciarmos, tanto os Espíritos quanto os homens. O melhor meio de se prevenir contra os inconvenientes da prática do Espiritismo não consiste em proibi-la, mas em fazê-lo compreendido. Um receio imaginário apenas por um instante impressiona e não atinge a todos. A realidade claramente demonstrada, todos a compreendem.” (*O Livro dos Médiuns - Primeira Parte - Noções preliminares, cap. IV - Dos sistemas, item 46.*)

Numa de nossas sessões estudamos sobre a fé e depois oramos por uma mulher que disse sofrer de uma obsessão há bastante tempo e que, embora seja espírita há décadas, não encontrou no Centro do qual participava o auxílio para livrar-se do seu perseguidor. Logo após a prece, um Espírito que nos pareceu bastante imperfeito, deu a seguinte comunicação:

“A mesma fé que conduz à luz, conduz à escuridão. O orgulho cega, a ignorância e a fraqueza dão as rédeas a quem deseja conduzir, e é pela dor e pelo medo que conduzimos as ovelhas. É assim que conduzimos aqueles que se deixam conduzir. É a lei de liberdade, tão utilizada por aqueles que

desejam *salvar almas.*” (Psicografada pela médium Sra. N. em 31/01/2012)

Kardec refutou com maestria a questão da proibição de evocar os mortos, em artigos publicados na Revista Espírita de outubro de 1863 e na primeira parte de *O Céu e o Inferno*.²⁰

Eis aqui um pequeno trecho de seu artigo:

“Como todos os motivos alegados para justificar a proibição de se comunicar com os Espíritos não podem suportar um exame sério, é preciso que haja outro, não confessado. Esse motivo bem poderia ser o medo que os Espíritos, muito clarividentes, viessem esclarecer os homens sobre certos pontos, e lhes dar a conhecer, ao justo, como são as coisas no outro mundo e as verdadeiras condições para ser feliz ou infeliz. Eis por que, da mesma maneira que se diz a uma criança: ‘Não vá lá, porque lá tem um lobo mau’, aos homens se diz: ‘Não chame os Espíritos porque é o diabo que vem.’ Mas será em vão. Se proíbem aos homens de chamar os Espíritos, não impedirão que os Espíritos venham aos homens, para retirar a lâmpada debaixo do alqueire.”

25. E quanto aos perigos de se evocar Espíritos inferiores?

Vejamos ainda o que consta sobre esse assunto, no “Livro dos Médiuns ou guia dos médiuns e dos evocadores”, no item 282, 11^a e 12^a:

“Haverá inconveniente em se evocarem Espíritos inferiores e será de temer que, chamando-os, o evocador lhes fique sob o domínio?

"Eles não dominam senão os que se deixam dominar. Aquele que é assistido por bons Espíritos nada tem que temer. Impõe-se aos Espíritos

²⁰ *O Céu e o Inferno* - Primeira Parte – Doutrina, cap. XI - Da proibição de evocar os mortos.

inferiores e não estes a ele. Isolados, os médiuns, sobretudo os que começam, devem abster-se de tais evocações. (N. 278.)

“Serão necessárias algumas disposições especiais para as evocações?”

"A mais essencial de todas as disposições é o recolhimento, quando se deseja entrar em comunicação com Espíritos sérios. Com fé e com o desejo do bem, tem-se mais poder para evocar os Espíritos superiores. Elevando sua alma, por alguns instantes de recolhimento, quando da evocação, o evocador se identifica com os bons Espíritos e os dispõe a virem."

Vale ressaltar esta assertiva que lemos acima: “Aquele que é assistido por bons Espíritos nada tem que temer.” Por essa razão o médium deverá buscar antes de tudo a assistência do seu Anjo guardião, que é seu guia principal e sempre um Espírito superior da Escala Espírita.

26. O que fazer para obter a assistência dos bons Espíritos?

“Os bons Espíritos se interessam pelos que usam criteriosamente da faculdade de discernir e trabalham seriamente por melhorar-se. Dão a esses suas preferências e os secundam; pouco, porém, se inquietam com aqueles junto dos quais perdem o tempo em belas palavras.” (*Livro dos Médiuns* - Segunda parte - Das manifestações espíritas, cap. XXIV - Da identidade dos Espíritos - Questões sobre a natureza e identidade dos Espíritos, item 268, 20^a.)

As qualidades que, de preferência, atraem os bons Espíritos são: a bondade, a benevolência, a simplicidade do coração, o amor do próximo, o desprendimento das coisas materiais. Os defeitos que os afastam são: o orgulho, o egoísmo, a inveja, o ciúme, o ódio, a cupidez, a sensualidade e todas as paixões que escravizam o homem à matéria. (*Livro dos Médiuns*, item 227.)

“A primeira condição para se granjear a benevolência dos bons Espíritos é a humildade, o devotamento, a abnegação, o mais absoluto desinteresse moral e material.” (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XXVI, item 8.)

27. É de toda necessidade a análise das comunicações dos Espíritos

“Eis uma recomendação feita incessantemente pelos bons Espíritos. Dizem eles: “Deus não vos deu o raciocínio sem propósito. Servi-vos dele a fim de saber o que estais fazendo.” Os maus Espíritos temem o exame. Dizem eles: “Aceitai nossas palavras e não as julgueis”. Se tivessem consciência de estar com a verdade, não temeriam a luz. Allan Kardec (*Revista Espírita*, fevereiro de 1859 - Escolhos dos Médiuns.)

"Qualquer que seja a confiança legítima que vos inspirem os Espíritos que presidem aos vossos trabalhos, uma recomendação há que nunca será demais repetir e que deveríeis ter presente sempre na vossa lembrança, quando vos entregais aos vossos estudos: é a de pesar e meditar, é a de submeter ao cadinho da razão mais severa todas as comunicações que receberdes; é a de não deixardes de pedir as explicações necessárias a formardes opinião segura, desde que um ponto vos pareça suspeito, duvidoso ou obscuro." São Luís (*Livro dos Médiuns*, item 266)

28. Alguns cuidados importantes para a formação dos grupos

Muitas pessoas, movidas pelo desejo de conversar com seus familiares de além-túmulo, às vezes se precipitam ao formar seus grupos familiares, esquecendo que os grupos só serão duráveis e produzirão bons frutos quando fundados em bases sólidas e não por um entusiasmo irrefletido.

Aquele que deseja ver seu grupo prosperar deve observar com atenção as recomendações de Kardec a esse respeito, a fim de evitar tropeços e decepções.

Eis algumas de suas orientações para a formação dos grupos, tanto dos grupos familiares quanto dos grupos particulares ou Sociedades espíritas formais, que colhemos em suas obras:

“Em várias localidades solicitaram-me conselhos para a formação dos grupos. Tenho pouco a dizer a este respeito, além das instruções contidas no "Livro dos Médiuns"; acrescentarei apenas algumas palavras.

A primeira condição é formar um núcleo de pessoas sérias, por mais restrito que seja; ainda que seja composto de cinco ou seis membros, se são esclarecidos, sinceros, penetrados das verdades da doutrina e unidos pela intenção, vale cem vezes mais do que nele se introduzir curiosos e indiferentes.” (*Viagem Espírita em 1862 - Instruções particulares dadas aos grupos em resposta a algumas das questões propostas, item X.*)

“Falemos agora da organização do Espiritismo nos centros já numerosos. O aumento incessante dos adeptos demonstra a impossibilidade material de constituir numa cidade, sobretudo numa cidade populosa, uma sociedade única. Além do número, há a dificuldade das distâncias, que é obstáculo para muitos. Por outro lado, é sabido que as grandes reuniões são menos favoráveis às belas comunicações, e que as melhores são obtidas nos pequenos grupos. É necessário, pois, empenhar-

se em multiplicar os grupos particulares. Ora, como dissemos, vinte grupos de quinze a vinte pessoas obterão mais e farão mais pela propaganda do que uma sociedade única de quatrocentos membros. Os grupos se formam naturalmente, pela afinidade de gostos, de sentimentos, de hábitos e de posição social. Todos ali se conhecem e, como são reuniões particulares, tem-se liberdade de definir a quantidade e de seleccionar os que são admitidos.

“O sistema da multiplicação dos grupos tem ainda como resultado, conforme o dissemos em várias ocasiões, de impedir os conflitos e as rivalidades por supremacia e presidência. Cada grupo naturalmente é dirigido pelo chefe da casa, ou por aquele que para isso for designado. Não há, a bem dizer, presidente oficial, pois tudo se passa em família. O dono da casa, como tal, tem toda a autoridade para manter a boa ordem. Com uma sociedade propriamente dita, há necessidade de um local especial, de um pessoal administrativo, de um orçamento, numa palavra, uma complicação de engrenagens que a má vontade de alguns dissidentes mal intencionados poderia comprometer.”

“A formação dos grupos estando, pois, admitida em princípio, muitas questões importantes restam para examinar. A primeira de todas é a uniformidade na doutrina. Essa uniformidade não seria melhor garantida por uma Sociedade compacta, pois os dissidentes sempre teriam facilidade de se retirar, formando grupo à parte. Quer a sociedade seja una ou fracionada, a uniformidade será a consequência natural da unidade de base que os grupos adotarem. Ela será completa em todos os grupos que seguirem a linha traçada pelo *Livro dos Espíritos* e o *Livro dos Médiuns*. Um contém os princípios da filosofia da ciência; o outro, as regras da parte experimental e prática. Essas obras estão escritas com bastante clareza para não dar lugar a interpretações divergentes, condição essencial de toda nova doutrina.”

Até o presente essas obras servem de regulador à imensa maioria dos espíritas, e por toda parte são acolhidas com inequívoca simpatia. Os que delas quiseram afastar-se puderam reconhecer, por seu isolamento e pelo

decrecente número de seus partidários, que não tinham a seu favor a opinião geral. Tal assentimento, dado pelo maior número, tem grande valor. É um julgamento que não poderia ser suspeito de influência pessoal, desde que espontâneo e declarado por milhares de pessoas que nos são completamente desconhecidas. Uma prova desse assentimento é que nos pediram para traduzi-las para diversas línguas: espanhol, inglês, português, alemão, italiano, polonês, russo e até tártaro. Sem presunção podemos, pois, recomendar o seu estudo e a sua prática nas diversas reuniões espíritas, e isto com tanto mais razão quanto são as únicas, até o momento, em que a ciência é tratada de maneira completa. Todas as que foram publicadas sobre a matéria apenas abordaram alguns pontos isolados da questão. Aliás, não temos absolutamente a pretensão de impor as nossas ideias. Emitimo-las por ser direito nosso. Que as adotem aqueles a quem elas convêm. Os demais têm o direito de rejeitá-las. As instruções que damos são, pois, e naturalmente, para os que marcham conosco; para os que nos honram com o título de seu *chefe espírita* e de modo algum pretendemos regulamentar os que querem seguir outra via.”

“O segundo ponto é a constituição dos grupos. Uma das primeiras condições é a homogeneidade, sem a qual não haveria comunhão de pensamento. Uma reunião não pode ser estável, nem séria, se não houver simpatia entre os componentes. E não pode haver simpatia entre pessoas que têm ideias divergentes e que fazem uma oposição surda, quando não aberta. Longe de nós com isso dizer que seja necessário abafar a discussão, porque, ao contrário, recomendamos o exame escrupuloso de todas as comunicações e de todos os fenômenos. Fica, pois, bem entendido que cada um pode e deve emitir sua opinião, mas há pessoas que discutem para impor a sua e não para esclarecer. É contra o espírito de oposição sistemática que nos levantamos; contra as ideias preconcebidas que não cedem nem mesmo ante a evidência. Tais pessoas incontestavelmente são uma causa de perturbação que é preciso evitar. A este respeito, as reuniões espíritas estão em condições excepcionais. O que elas requerem, acima de tudo, é o recolhimento. Ora, como estar recolhido se a cada momento a gente é distraída por uma polêmica acrimoniosa? Se reina entre os

assistentes um sentimento de azedume e quando se sente em torno de si, seres que sabemos hostis e em cujo rosto se lê o sarcasmo e o desdém por tudo quanto não está de acordo com a sua opinião?”

“Se bem compreendido o que precede, compreender-se-á também que um grupo formado exclusivamente por elementos desta última classe estaria nas melhores condições, porque somente entre praticantes da lei de amor e de caridade é que se pode estabelecer uma séria ligação fraternal. Entre homens para quem a moral é mera teoria, a união não seria durável. Como eles não impõem nenhum freio ao orgulho, à ambição, à vaidade e ao egoísmo, não o imporão, também, às suas palavras; quererão ser os primeiros, quando deveriam diminuir-se; irritar-se-ão com as contradições e não terão escrúpulos em semear a perturbação e a discórdia. Entre verdadeiros espíritas, ao contrário, reina um sentimento de confiança e de benevolência recíproca. Nesse meio simpático é possível sentir-se à vontade, ao passo que há constrangimento e ansiedade num ambiente misto.”

“Isto está na natureza das coisas e nada inventamos a respeito. Daí se segue que na formação de grupos deva exigir-se a perfeição? Seria simplesmente absurdo, pois seria querer o impossível, e nessas condições ninguém poderia pretender dele fazer parte. Tendo por objetivo a melhora dos homens, o Espiritismo não vem procurar os perfeitos, mas os que se esforçam em tornar-se perfeitos pondo em prática os ensinamentos dos Espíritos. O verdadeiro espírita não é o que alcançou o objetivo, mas o que seriamente quer atingi-lo. Sejam quais forem os seus antecedentes, será bom espírita desde que reconheça suas imperfeições e seja sincero e perseverante no propósito de emendar-se. Para ele o Espiritismo é uma verdadeira regeneração, porque ele rompe com o seu passado. Indulgente para com os outros, como quereria que fossem para consigo, de sua boca não sairá nenhuma palavra malévola nem cortante contra ninguém. Aquele que, numa reunião, se afastasse das conveniências, não só provaria uma falta de cortesia e de urbanidade, mas uma falta de caridade. Aquele que se chocasse com a contradição e pretendesse impor a sua personalidade ou as suas ideias, daria prova de orgulho. Ora, nem um nem

outro estariam no caminho do verdadeiro Espiritismo, isto é, do Espiritismo cristão. Aquele que pensa ter uma opinião mais justa que os outros, poderá fazê-la mais bem aceita pela doçura e pela persuasão. O azedume, de sua parte, seria uma péssima opção. (*Revista Espírita*, dezembro de 1861 - Organização do Espiritismo.)

29. Considerações finais

*É um fato comprovado que o Espiritismo é mais entravado pelos que o compreendem mal do que pelos que absolutamente não o compreendem, e mesmo por seus inimigos declarados. Allan Kardec*²¹

Sabemos que o medo e os preconceitos são difíceis de enfrentar, mas se quisermos avançar no progresso moral teremos que vencer esses dois filhos do orgulho. Sabemos também que são as nossas imperfeições que nos fazem sofredores e infelizes.

Como disse nosso mestre Allan Kardec, *a felicidade perfeita está ligada à perfeição, ou seja, à purificação completa do Espírito. Toda imperfeição é ao mesmo tempo uma causa de sofrimento e de privação de gozo, assim como toda qualidade adquirida é uma causa de gozo e de atenuação dos sofrimentos.*²²

Assim, não basta sabermos que o Espiritismo é o Consolador prometido por Jesus e enviado por Deus à Terra no século XIX. É preciso lançar mão do consolo, da fé inabalável, da esperança que ele pode nos propiciar. Isso se consegue estudando-o e praticando-o.

Precisamos, é verdade, de humildade, pois essa é a virtude que nos dará a força necessária para admitir a nossa fraqueza moral e buscar vencê-la. No dizer de Fénelon, “O homem nunca é mais forte do que quando ele sente a sua fraqueza, pois tudo pode empreender sob o olhar de

²¹ *Revista Espírita*, novembro de 1864 - O Espiritismo é uma ciência positiva.

²² *O Céu e o Inferno*, primeira parte, cap. VII - Código penal da vida futura, 2º.

Deus. Sua força moral cresce em razão de sua confiança, porque sente necessidade de dirigir-se ao Criador, para pôr sua fraqueza ao abrigo das quedas a que a imperfeição humana pode arrastá-lo.”²³

Encerramos este singelo opúsculo com um apelo do Espírito de Verdade:

“Homens fracos, que compreendeis as trevas das vossas inteligências, não afasteis o facho que a clemência divina vos coloca nas mãos para vos clarear o caminho e reconduzir-vos, filhos perdidos, ao regaço de vosso Pai.

Sinto-me por demais tomado de compaixão pelas vossas misérias, pela vossa fraqueza imensa, para deixar de estender mão socorredora aos infelizes transviados que, vendo o céu, caem nos abismos do erro. Crede, amai, meditai sobre as coisas que vos são reveladas; não mistureis o joio com a boa semente, as utopias com as verdades.

Espíritas! amai-vos, este o primeiro ensinamento; instruí-vos, este o segundo.”(...) ²⁴

²³ *Revista Espírita*, janeiro de 1865 - Instruções dos Espíritos.

²⁴ *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. VI - O Cristo consolador - Instruções dos Espíritos - Advento do Espírito de Verdade, item 5.